

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**LISBOA**

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**Jardim Zoológico de Lisboa e Comunicação de Ciência: cruzamentos ao longo do tempo**

**Aline Cardoso Cerqueira**

**MESTRADO EM CULTURA CIENTÍFICA E DIVULGAÇÃO DAS CIÊNCIAS**

**Dissertação orientada  
pela Prof.<sup>a</sup> Doutora: Cristina Maria dos Santos Luís**

**2022**

**Aos meus pais, Alcino e Cleia  
À minha irmã, Roberta**

## **Agradecimentos**

À minha orientadora Professora Doutora Cristina Luís pelo acolhimento, paciência e orientação durante a investigação.

À equipe da sala de microfilmagem da Biblioteca Nacional de Portugal, pela paciência e profissionalismo, tendo em vista o período de adaptação devido a covid, tentamos nos adaptar da melhor maneira possível para que a consulta dos jornais fosse realizada.

À minha irmã pelo total apoio, amor e encorajamento a todo momento. Aos meus pais, sempre presentes ao longo da minha trajetória. Foi um período muito desafiador, mas ficamos mais fortes.

À família e aos amigos, distantes, mas muito presentes. Aos primos de Amarante, obrigada pelo acolhimento e carinho.

Aos colegas da turma do mestrado, pelos debates e trocas, não só em sala de aula. Obrigada pelo carinho num momento delicado da minha vida durante este mestrado. Um agradecimento muito especial à Maria Helena, pelo total apoio e acolhimento, certamente tornou este período tão árido, mais esperançoso. À Hanna, que se aproximou neste momento complicado e pela sua escuta atenciosa, fez surgir uma amizade, especialmente na reta final deste mestrado.

Muito feliz por tudo ter terminado bem.

“Ahi deixamos em traços rapidos a historia d’este instituto sympatico, como documento que possa servir um dia de base de investigação (...)”

Jornal do Comércio, 28 de maio de 1884.

## **RESUMO**

Os jardins zoológicos são instituições complexas em si que necessitam dos mais variados atores para o seu funcionamento, em especial do público. Esta investigação de mestrado é uma reflexão sobre diversos contextos do Jardim Zoológico de Lisboa, em períodos circunscritos da sua trajetória e visa compreender de que forma a instituição procurou se comunicar com o grande público, na intenção de atrair os mesmos, tanto para legitimar a sua fundação, quanto para a visitação do espaço. Para compreender estas questões, trata-se de identificar os principais personagens envolvidos desde a fundação do Zoo de Lisboa e compreender suas atuações nos contextos históricos e de ciência nos períodos em que participam da instituição. Utilizar os meios de comunicação impressos permitiu, identificar os instrumentos que o Jardim Zoológico de Lisboa utilizou para realização da divulgação científica do Jardim Zoológico e sua promoção para atração do público. Esta dissertação de mestrado tem a intenção de colaborar para uma construção de uma história da divulgação científica em Portugal.

### **Palavras-chave**

Jardins zoológicos, Jardim Zoológico de Lisboa, imprensa escrita portuguesa, divulgação de ciência

## **ABSTRACT**

Zoos are complex institutions in themselves that need the most varied actors for their functioning, especially the public. This master's research is a reflection on several contexts of the Lisbon Zoo, in circumscribed periods of its trajectory and aims to understand how the institution sought to communicate with the general public, with the intention of attracting it, both to legitimize its foundation and to visit the space. In order to understand these issues, it is about identifying the main characters involved since the foundation of the Lisbon Zoo and understanding their performances in the historical and science contexts in the periods in which they participate in the institution. Using the printed media allowed, to identify the instruments that the Lisbon Zoo used for the accomplishment of scientific divulgation and for its promotion in order to attract the public. This master thesis has the intention of contributing to the construction of a history of scientific dissemination in Portugal.

## **Keywords**

Zoos, Lisbon Zoo, Portuguese printed press, science dissemination

## ÍNDICE

Resumo .....	p.V
ABSTRACT .....	p.VI
Lista de Quadros e Figuras .....	p.VIII
Lista de Abreviaturas e Siglas .....	p.X
<b>1 Apresentação</b> .....	p.1
2 Objetivos .....	p.3
2.1 Objetivo Geral .....	p.3
2.2 Objetivos Específicos .....	p.3
3 Metodologia .....	p.3
<b>Capítulo 1 O início do espaço de divertimento e lazer - Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa</b> .....	p.8
1.1 O Jardim Zoológico de Lisboa e a cidade .....	p.8
1.2 Notícias sobre o Jardim Zoológico de Lisboa .....	p.13
1.3 Um grupo seletivo de médicos e a fundação do Jardim Zoológico de Lisboa .....	p.15
1.4 Um lugar para chamar de seu – a morada definitiva .....	p.20
<b>Capítulo 2 A Comunicação de Ciência</b> .....	p.22
2.1 A construção do lugar de ciência do Jardim Zoológico de Lisboa e a imprensa .....	p.22
2.2 A coleção zoológica e a imprensa .....	p.25
2.3 A imprensa, o público e o Jardim Zoológico de Lisboa .....	p.31
2.4 Os guias-roteiros, o almanaque, a revista e a banda-desenhada .....	p.32
2.4.1 O Almanaque do Jardim Zoológico de Lisboa .....	p.36
2.4.2 Guias práticos .....	p.41
2.4.3 A Revista Zoo .....	p.47
2.4.4 A BD do Jardim Zoológico de Lisboa .....	p.50
<b>Considerações finais</b> .....	p.53
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	p.56

## Lista de Quadros

**Quadro 1** Lista dos jornais pesquisados nesta investigação e a respectiva data de circulação ..... p.6

**Quadro 2** Médicos da Comissão Promotora da Fundação do Jardim Zoológico de Lisboa e demais funções exercidas ..... p.18

## Lista de Figuras

**Figura 1.1** Registo da primeira direção do Jardim Zoológico de Lisboa ..... p.19

**Figura 2.1** Capa do primeiro Guia do Jardim Zoológico de Lisboa ..... p.34

**Figura 2.2** Lista dos animais com a indicação numérica dos recintos, jaulas e gaiolas ..... p.35

**Figura 2.3** Mapa indicando o percurso (tracejado em preto) e numeração das instalações ... p.35

**Figura 2.4** Folha de rosto ..... p.37

**Figura 2.5** Calendário com os santos de cada dia do mês e as fases da lua ..... p.38

**Figura 2.6** Detalhe do calendário ..... p.38

**Figura 2.7** Ilustração do iaque ocupando uma página inteira ..... p.39

**Figuras 2.8 e 2.9** Descrições dos animais acompanhadas das suas respectivas ilustrações .. p.40

**Figura 2.10** Guia-roteiro publicado no ano de 1957 e o mapa do Jardim ..... p.42

**Figuras 2.11, 2.12 e 2.13** O elefante Benjamim, exemplar mais antigo do Zoo, publicidades e ofertas de animais, junto ao anúncio de seu doador ..... p.43

**Figura 2.14** Publicação do ano de 1977 ..... p.43

**Figuras 2.15 e 2.16** Conteúdos e fotografias do Guia ..... p.44

**Figura 2.17** Mapa do Jardim Zoológico ..... p.44

**Figura 2.18 e 2.19** Capa e mapa do Guia publicado no ano de 1990 ..... p.45

**Figura 2.20** Apresentação de uma das espécies do Guia ..... p.45

**Figura 2.21 e 2.22** Capa e apresentação dos programas de reprodução do Jardim Zoológico de Lisboa ..... p.46

**Figuras 2.23 e 2.24** Apresentação dos animais e espaço reservado para anotações ..... p.46

**Figura 2.25** Capa da primeira edição da Revista Zoo – 1984 ..... p.47

**Figura 2.26** Mapa do Zoo – Revista Zoo ..... p.48

**Figura 2.27 e 2.28** Apresentação dos animais ..... p.48

<b>Figura 2.29 e 2.30</b> Publicações do ano de 2009, maio e novembro, respectivamente .....	p.49
<b>Figura 2.31</b> Primeira cria de calau-trombeteiro do Zoo de Lisboa .....	p.49
<b>Figura 2.32</b> Capa da Banda desenhada em comemoração aos 125 anos .....	p.50
<b>Figura 2.33 e 2.34</b> Texto sobre o jaguar e página inicial da banda desenhada do Gorila-da-montanha .....	p.51

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
APZA	Associação Portuguesa de Zoos e Aquários
BD	Banda Desenhada
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
DGLAB	Direção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas
EAZA	Associação Europeia de Zoológicos e Aquários
IUCN	União Internacional para a Conservação da Natureza
SCMED	Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa
SGL	Sociedade de Geografia de Lisboa
WAZA	Associação Mundial de Zoos e Aquários

## 1. Apresentação

Parte do imaginário humano ao longo do tempo, nas mais diversas civilizações, os animais inserem-se numa rede de simbolismos e remetem a reflexões distintas nos múltiplos campos de saberes. A animalidade figura e é explorada, quer seja no campo literário, quer seja no campo filosófico, nas artes, no religioso ou na ciência.

As investigações referentes aos animais não humanos, nas diferentes áreas disciplinares provenientes das ciências biológicas e humanas, acabaram por constituir um novo campo transdisciplinar de estudos denominado *Estudos Animais* (Maciel, 2011) ou “virada animal” como é tratado por alguns estudiosos (Marras, 2014). Nas narrativas literárias e das artes, por meio das fábulas, da mitologia e outros, os animais não humanos incorporam e vivificam personagens que trazem em si inúmeras análises da vida cotidiana do universo humano e muitas vezes, tais representações resultam em seres híbridos, com metade humano e metade animal.

No campo da literatura do período medieval, segundo Paulo Catarino Lopes (2015, p.402) o conhecimento sobre os animais ficou marcado pelo livro das bestas, ou seja, o bestiário, produzido e circunscrito às classes clericais letradas e que assumiu a sua função didática e de doutrina. Neste tratado, escrito em prosa ou verso, “*se descrevem as características físicas e os costumes de animais, verdadeiros ou fantásticos, atribuindo-lhes, muitas vezes, significados alegóricos-simbólicos ou morais*”.

No âmbito da religião, diferentes matizes trazem o animal incorporado em sua estrutura. De acordo com Benedito Nunes, os animais na perspectiva bíblica “*teriam sido feitos para o homem utilizar*” e “*à medida que entra em cena a teoria da evolução, a história é pensada diferentemente*” e neste sentido “*tivemos que pensar no homem como animal*” (Nunes, 2007, p. 286). De acordo com o historiador Keith Thomas, na sua obra “O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)”, publicado pela primeira vez em 1983, o surgimento da história natural contribuiu para ocultar um olhar centrado no homem, da qual a “*autoridade humana sobre o mundo animal era, assim, virtualmente ilimitada*” em que o homem “*podia usá-la como lhe aprouvesse*” (Thomas, 2010, pp. 26-27).

Nos estudos filosóficos da Antiguidade, Aristóteles e Platão apontavam para uma proximidade entre homem e animal não-humano por meio de um reconhecimento nestes últimos de uma concepção de alma, sensitiva, racional e vegetativa. Para Descartes a razão ou a linguagem o distinguem dos animais não-humanos, considerados então corpos sem alma, uma simples máquina, evidenciando assim um olhar antropocêntrico predominante nos séculos XVII e XVIII (Nunes, 2007, p. 282). Nos debates filosóficos contemporâneos, importantes contribuições de autores como Jacques Derrida (1930-2004), Georges Bataille (1897-1962), Elisabeth de Fontenay (1934), J. M. Coetzee (1940), John Berger (1926-2017), Giorgio Agamben (1942), Dominique Lestel (1961), Peter Singer (1946), Tom Regan (1938-2017), entre outros, cada um nas suas esferas de reflexão, apresentam e trazem análises acerca dos domínios dos animais, dos humanos e da cultura, assim como das questões éticas e políticas relacionadas aos direitos dos animais. Pensar e repensar o lugar dos animais não-humanos torna-se um desafio, uma vez que o distanciamento entre homem e natureza sempre esteve presente.

Nos domínios das ciências o ato de observar, desenhar, tomar nota, descrever, coletar, colecionar, esteve intrínseco em momentos variados do fazer ciência. Nos gabinetes de curiosidades ou câmara das maravilhas (*Wunderkammer*) ou dos tesouros (*Schatzkammer*),

como assim também eram conhecidas nos domínios alemães, que proliferaram na Europa no século XVI e continham um conjunto de objetos raros e exóticos de uso pessoal<sup>1</sup>. Também nas viagens dos diversos naturalistas a outros continentes com o intuito de conhecer e perceber a utilidade, em especial, da flora e fauna locais, e nas coleções particulares, como as *ménageries*, expressão francesa, que de acordo com Baratay (2011) e Braga (2015) era atribuída ao local destinado aos bichos raros e selvagens como símbolo de poderio e riqueza da nobreza, leigos e eclesiásticos. Todos estes espaços, contribuíram para que os animais tivessem sua relevância em diferentes espaços institucionais, como os museus de história natural e os jardins zoológicos, por meio das denominadas coleções zoológicas.

Importante salientar que a observação dos animais em seus habitats de origem e fora deles, como os cativeiros, tiveram influência com a publicação no ano de 1859 da obra “A origem das espécies” do naturalista britânico Charles Darwin na qual Darwin defendia a teoria da evolução biológica através da seleção natural (Braga, 2015, p. 367).

Como exposto acima, torna-se perceptível a multiplicidade dos estudos em relação aos animais não-humanos. Para esta investigação, centrada neste universo da temática animal, o olhar volta-se para uma instituição detentora de coleções zoológicas vivas, o jardim zoológico, e neste caso, mais especificamente o Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa, com data de fundação no dia 28 de maio de 1884.

No âmbito do mestrado em Cultura Científica e Divulgação das Ciências, esta investigação insere-se no campo da divulgação do conhecimento científico baseada numa instituição detentora de um património científico, neste caso, o Jardim Zoológico de Lisboa. Neste contexto, utilizaram-se os jornais impressos como recurso para identificar de que forma o Jardim Zoológico de Lisboa procurou fazer chegar ao público o conhecimento associado às suas coleções de animais e a sua visibilidade de modo a manter a visita ao Zoo, com o intuito de alcançar um público cada vez mais alargado.

A pesquisa, portanto, tem como foco o Jardim Zoológico de Lisboa e o que era noticiado na imprensa portuguesa a seu respeito. Os jornais impressos tornaram-se veículos importantes para a comunicação sobre a ciência que se produzia no Zoo de Lisboa, instrumentos estes utilizados por esta instituição como meio de promoção para atração do grande público, uma vez que no decorrer da segunda metade do século XIX, os jornais deixaram “*a sua vocação de panfleto político*” e centraram-se no noticiário e em outros formatos “*que interessavam a um vasto público*”, alargando sua circulação e transformando-se “*num meio de comunicação para um público de massas, essencialmente urbano*” (Leitão, 2020, p. 44).

O primeiro capítulo tratou de circunstanciar o Jardim Zoológico de Lisboa, sua relação com a cidade, uma vez que a mesma estava passando por mudanças, a pauta na escolha em fundar um jardim zoológico em Portugal e agregada a ela, a rede de ciências envolvida neste processo. As mudanças de endereço do Zoo de Lisboa também foram identificadas, pelo fato da imprensa noticiar aos visitantes de qual seria a nova morada dos animais.

---

<sup>1</sup>Em “Colecionando Bichos: Os Gabinetes de Curiosidades”, a historiadora Isabel Drumond Braga, referência demais autores sobre os gabinetes de curiosidades e coloca que em “algumas partes da Europa, os gabinetes de curiosidades estiveram relacionados com as viagens filosóficas” e que estas “foram responsáveis pelo aumento significativo de espécimes suscetíveis de serem colecionados” de plantas, animais e também minerais. (Drumond, 2015, pp.296 e 297).

O segundo capítulo explorou a legitimação, tanto da imprensa, quanto do público, em relação ao Jardim Zoológico de Lisboa e investigou as ferramentas utilizadas pelo Jardim, com o intuito de atrair cada vez mais visitantes. Neste processo, foi possível identificar a construção do lugar de ciência do Jardim Zoológico de Lisboa com o olhar na imprensa e nos possíveis desdobramentos encontrados, tais como a produção e publicação de materiais de divulgação do Jardim Zoológico.

Por último, nas Considerações finais, salienta-se uma constante visibilidade do Jardim Zoológico de Lisboa na sociedade através dos jornais, que se tornaram veículos privilegiados que o Jardim Zoológico encontrou para chegar a um público cada vez mais alargado e diverso. Mostra-se ainda o papel deste espaço enquanto lugar de diversão e entretenimento, mas, ao mesmo tempo, um espaço de aprendizagem, por conter em si a diversidade animal como centro de toda a sua estrutura. Em função disto, revelam-se diversos materiais que possibilitam o conhecimento acerca de determinados animais, assim como as mudanças na concepção do Jardim Zoológico durante o período circunscrito nesta pesquisa.

## **2. Objetivos**

### **2.1. Objetivo Geral**

No decorrer do que era noticiado na imprensa portuguesa, tem-se conhecimento dos mais variados cenários e circunstâncias que envolveram a trajetória do Jardim Zoológico de Lisboa.

Deste modo, o objetivo geral desta investigação, consistiu em analisar a comunicação realizada pelo ‘Parque São Sebastião da Pedreira’ – forma como muitas vezes o Jardim Zoológico era noticiado na imprensa no período da sua fundação – para públicos diversos, utilizando como fonte a mídia impressa, ou seja, os jornais.

### **2.2. Objetivos Específicos**

Como meio de alcançar o objetivo geral da investigação, foi necessário: identificar os principais personagens envolvidos desde a fundação do Jardim Zoológico de Lisboa e compreender suas atuações, nos contextos históricos e de ciência, nos períodos em que estavam inseridos na instituição, circunstanciando desta forma o Zoo de Lisboa; identificar e analisar os meios de comunicação impressos e instrumentos que o Jardim Zoológico de Lisboa utilizava para divulgar o fazer ciência da instituição e sua promoção para atração do público e por fim, compreender o quanto os diversos contextos político, histórico e social se refletiam no que era noticiado nos jornais e publicações acerca do Jardim Zoológico.

## **3. Metodologia**

Para esta investigação utilizou-se a abordagem metodológica qualitativa, com a pesquisa bibliográfica e o levantamento e análise das fontes documentais primárias e secundárias dos acervos envolvidos. No primeiro momento, para além da pesquisa bibliográfica, a investigação deteve-se na pesquisa das fontes primárias, como documentos, relatórios, manuais e guias de visitação do Jardim Zoológico de Lisboa, depositados nos acervos da Biblioteca Nacional de Portugal, da Biblioteca Municipal de Lisboa – Palácio Galveias, do Arquivo Nacional Torre do Tombo e da Biblioteca Joanina, da Universidade de Coimbra.

No segundo momento da investigação, foi necessário estipular o período e os marcos temporais para a pesquisa e seleção dos jornais da imprensa portuguesa. O primeiro critério de seleção teve como intuito alcançar momentos distintos da trajetória do Jardim Zoológico de Lisboa, que a 28 de maio de 2021 completou 137 anos. Definiu-se assim, como marco temporal da pesquisa, o período que compreende o ano de 1884 – data de fundação da instituição – até ao ano 2009, quando o Zoo de Lisboa completou 125 anos. Dentro deste período e como segundo critério, estabeleceu-se como marcador importante, as datas comemorativas dos aniversários do Jardim Zoológico com a finalidade de perceber a evolução do que era noticiado e a qualidade da notícia, determinando-se desta maneira como data inicial maio de 1885, por ser o primeiro festejo, e posteriormente, os aniversários a cada 25 anos, com o intuito de atingir fases e circunstâncias distintas da trajetória do Zoo. No cruzamento com determinadas publicações do Jardim Zoológico de Lisboa, ocorreu a necessidade de consultas pontuais aos anos de 1882 e 1883.

Deste modo, as datas pesquisadas nos jornais corresponderam ao mês de maio dos anos de: 1909 (25 anos), 1934 (50 anos), 1959 (75 anos), 1984 (100 anos) e 2009 (125 anos). Estas datas permitem uma visão ampla das publicações, uma vez que se inicia com a fundação e celebração de um ano no final do século XIX, atravessa-se o século XX com as respectivas comemorações de 25, 50, 75 e 100 anos e encerra-se no século XXI, em 2009, última data analisada. A escolha do mês (maio) em detrimento da data da fundação deu-se pelo fato de que nem sempre a notícia era veiculada no dia do festejo devido à periodicidade de publicação dos jornais.

Como terceiro critério, privilegiaram-se os jornais que tinham como sede a mesma localidade do Jardim Zoológico, ou seja, Lisboa. O quadro 1 indica os jornais pesquisados nas datas comemorativas descritas acima no segundo critério, do mesmo modo que informa as datas de início e fim da circulação dos mesmos. Por último e como quarto critério, optou-se por manter a diversidade de títulos (dez no total) na intenção de obter perspectivas plurais distintas naquilo que era publicado em relação ao Jardim Zoológico de Lisboa.

Apresenta-se a seguir uma breve descrição dos jornais consultados para esta investigação:

**A Nação** – periódico diário conservador, intitulado como religioso e considerado em seu aspeto político como legitimista. Nasceu na cidade de Lisboa com a redação do jornal, neste período, localizada no Largo do Intendente, nº 258 (Alves, 2012). Sua primeira publicação ocorreu no dia 15 de setembro de 1847 e a última no dia 23 de setembro de 1928, tendo como primeiro editor responsável A. M. C. Lacerda Coronel. Encontra-se digitalizado no arquivo da Biblioteca Nacional Digital, no link <http://purl.pt/28600>.

**Jornal do Comércio** – periódico diário de caráter econômico e comercial. Nasceu em Lisboa e na sua trajetória editorial adotou um perfil generalista. Foi um jornal com tendência conservadora até 1974 e dirigido ao público burguês. Sua primeira publicação tem a data de 17 de outubro de 1853 e a última no dia 29 de setembro de 1989. Foi fundado por Mateus Pereira de Almeida e Silva e José Pereira e Silva. Encontra-se disponível para investigação em formato de microfilme na Biblioteca Nacional de Portugal.

**Diário de Notícias** – periódico diário de perfil político independente, fundado por Eduardo Coelho. Suas publicações cobrem todas as notícias do dia, sobre todo tipo de assunto e de todos os países, para além de Portugal (Sousa, 2021). O primeiro número data do dia 29 de

Dezembro de 1864 e no decorrer do desenvolvimento desta investigação, o periódico encontrava-se com suas publicações diárias. Na versão online, está nas plataformas Facebook, Twitter e Instagram. Encontra-se disponível para pesquisa no formato microfilme na Biblioteca Nacional de Portugal.

**Jornal da Noite** – primeiro jornal vespertino a surgir no cenário da imprensa portuguesa, de periodicidade diária, nasceu em Lisboa pelo Visconde de Paiva Manso. Sua primeira publicação ocorreu no dia 2 de janeiro de 1871 e o último número data do dia 31 de março de 1892. Encontra-se disponível para investigação em formato de microfilme na Biblioteca Nacional de Portugal.

**Diário Ilustrado** – periódico diário considerado de caráter mais noticioso, fundado em Lisboa por Pedro Correia da Silva. De perfil diversificado com temas não políticos, foi o primeiro periódico a apresentar em suas páginas uma seção dedicada ao desporto. Como o nome do periódico já indica, agregava valor às suas páginas as notícias ilustradas (Sousa, 2021). No dia 30 de Junho de 1872 foi publicado o programa do periódico e a indicação do seu primeiro número, que consta da data do dia 1 de julho de 1872 e a última em 7 de janeiro de 1911. Encontra-se digitalizado no arquivo da Biblioteca Nacional Digital no link <https://purl.pt/14328>.

**O Século** – jornal diário matutino, nascido em Lisboa, fundado e dirigido pelo jornalista Sebastião de Magalhães Lima com outros nomes, sendo um periódico relacionado à causa republicana. De caráter noticioso, apostou em publicações de suplementos, edições especiais e outras publicações como por exemplo o Almanaque d'O Século e Ilustração Portuguesa. Seu primeiro número data do dia 8 de Junho de 1880 e o último número no dia 12 de Fevereiro de 1977, data em que foi suspenso (Arquivo Nacional Torre do Tombo, 2019). Encontra-se disponível para investigação em formato de microfilme na Biblioteca Nacional de Portugal.

**A Capital** – jornal diário, vespertino, de perfil político-noticioso moderno, fundado por Manuel Guimarães. Suas publicações eram guiadas para a notícia e a reportagem. O primeiro número foi publicado no dia 1 de julho de 1910 e o último no dia 8 de julho de 1938. Após o último título, o periódico foi relançado no Estado Novo, funcionando de 1968 a 2005 e assumindo-se como sucessor do mesmo título, fundado em 1910 (Oliveira, s.d.; Sousa, 2021). No ano de 2001, passou a ser um periódico matutino (Rocha, 2001). Encontra-se digitalizado na Biblioteca Digital de Portugal até o ano de 1938 e pode ser consultado pelo link <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/ACapital.HTM>.

**Diário de Lisboa** – periódico diário vespertino fundado pelo banqueiro António Vieira Pinto, de caráter independente, afeito a liberdade de crítica e ligado a escritores e artistas modernistas. Afinado com o regime republicano, fez frequentemente oposição ao Estado Novo. Seu primeiro número circulou no dia 7 de abril de 1921 e o último no dia 30 de novembro de 1990 (ANTT, s.d.; Sousa, 2021). Encontra-se digitalizado e disponível para consulta no site da Hemeroteca Digital, acesso através do link [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/DiariodeLisboa/DiariodeLisboa\\_Indice\\_Total.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/DiariodeLisboa/DiariodeLisboa_Indice_Total.htm) e na plataforma Casa Comum pelo link [http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e\\_529](http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_529). O arquivo fotográfico pode ser visitado no Arquivo Nacional Torre do Tombo <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=6509476>.

**Expresso** – periódico semanário de perfil mais noticioso, fundado por Francisco Pinto Balsemão. Nasceu em Lisboa com o propósito de ser um jornal independente com relação a temas de caráter econômico, religioso e político, privilegiando um jornalismo rigoroso e

objetivo (Santos, 2014). A primeira data de publicação do semanário ocorreu no dia 6 de janeiro de 1973 e na altura desta investigação, o jornal seguia com suas publicações, disponíveis inclusive no formato online e nas plataformas Facebook, Twitter, Instagram e LinkedIn. O semanário impresso pode ser consultado na Biblioteca Nacional de Portugal, no acervo da Coleção Fundo Geral Jornais.

**Público** – jornal diário matutino, de caráter generalista de amplitude nacional e com ampla cobertura noticiosa. Pertence ao grupo empresarial português Sonae, à época pertencente a Belmiro de Azevedo, sendo a conceção do periódico idealizada pelo jornalista Vicente Jorge Silva, que também foi seu primeiro editor. O jornal conta com duas redações locais, sediadas em Lisboa e Porto (Ribeiro, 2012). Sua primeira edição data do dia 5 de março de 1990 e na altura desta investigação, o jornal permanecia com suas atividades editoriais. Nas redes sociais, o jornal pode ser encontrado no Instagram, Twitter, Facebook, LinkedIn e YouTube. O periódico impresso pode ser consultado na Biblioteca Nacional de Portugal, no acervo da Coleção Fundo Geral Jornais.

Mesmo com a pluralidade dos perfis dos jornais, o tipo de notícias, a periodicidade de publicação dos mesmos, não inviabilizaram a publicação acerca do que acontecia naquele que seria um lugar de importância e magnitude para a cidade de Lisboa e mesmo para Portugal. Cada notícia publicada remonta à trajetória do Jardim Zoológico de Lisboa e permite um outro olhar – ir além daquilo que era noticiado, vislumbrando perceber nas páginas impressas dos jornais, o lugar da ciência e de igual maneira, o lugar de comunicação do Jardim Zoológico que se estabelecia com o grande público.

<b>Jornais</b>	<b>Circulação</b>
A Nação	1847 – 1928
Jornal do Comércio	1853 – 1983
Diário de Notícias	1864 – atual
Jornal da Noite	1871 – 1892
Diário Ilustrado	1872 – 1911
O Século	1880 – 1977 e 1986 – 2007
A Capital	1910 – 1938 e 1968 – 2005
Diário de Lisboa	1921 – 1990
Expresso	1973 – atual
Público	1990 – atual

**Quadro 1** Lista dos periódicos pesquisados nesta investigação e a respectiva data de circulação

Quase a totalidade dos jornais analisados foram consultados em formato de microfilme com circulação nos séculos XIX e XX, praticamente todo o período compreendido pela

investigação, restando apenas o ano de 2009, no século XXI, com a consulta em papel. Estes, fazem parte do acervo da coleção de periódicos do Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), composta por “cerca de 50.000 títulos de jornais e outras publicações em série” entre registos portugueses e estrangeiros e “compreende a imprensa de expansão nacional de Lisboa e Porto, toda a imprensa regional e outras publicações periódicas como boletins paroquiais, jornais escolares, relatórios e contas e anuários das mais diversas empresas e instituições” (BNP, n.d.).

A coleção da Hemeroteca Digital também foi utilizada como fonte de pesquisa e encontra-se disponível no formato online. Este arquivo torna acessível publicações periódicas digitalizadas de títulos de domínio público referente às fontes documentais associadas à história da imprensa periódica portuguesa e de Fundos Institucional, Local e Histórico pertencente a Hemeroteca Municipal de Lisboa (Hemeroteca Digital, n.d.)

O Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) consistiu noutra repositório pesquisado para esta investigação por conter fontes diversas de títulos, uma vez que contém documentos originais desde o século IX, assim como títulos da época atual. De âmbito nacional, o ANTT é um arquivo central do Estado, vinculado a Direção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (DGLAB) e integra a Rede Portuguesa de Arquivos (DGLAB, 2008).

Outro acervo de destaque consultado, pelo seu valor histórico, com coleções bibliográficas muito raras, foi a Biblioteca Joanina pertencente à Universidade de Coimbra. A Casa da Livraria, como antes era denominada a biblioteca, recebeu a designação de Biblioteca Joanina e foi construída entre os anos de 1717 e 1728 perante o patrocínio de D. João V, que apresentava à época, uma extensa ação de mecenato para as ciências, artes e cultura. O acervo engloba cerca de 60.000 volumes com impressos do século XVI aos finais do século XVIII (Universidade de Coimbra, 2008).

Da investigação nos respectivos jornais, foi possível encontrar ainda diversas publicações de divulgação do Jardim Zoológico de Lisboa, tais como o almanaque, os guias e as revistas, que foram também analisados neste trabalho apesar de não terem sido pensadas inicialmente como alvo deste trabalho. Algumas destas obras foram publicadas por determinadas editoras, porém com colaboração do Jardim Zoológico.

O material encontra-se disperso pela rede de Bibliotecas Municipais de Lisboa e no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, com exceção do almanaque do Jardim Zoológico, depositado na Biblioteca Joanina. Importante salientar ainda que o almanaque fazia parte de uma doação de um espólio particular, tratado de forma recente e que, por este motivo, foi possível localizar e ter acesso a esta publicação.

## Capítulo 1. O início do espaço de divertimento e lazer - Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa

### 1.1 O Jardim Zoológico de Lisboa e a cidade

“Realizou-se hoje a inauguração d’este estabelecimento de recreio e de estudo” (Jornal da Noite, 1884), “ Abre-se hoje, effectivamente, este jardim, situado no parque de S. Sebastião da Pedreira” (Diário de Notícias, 1884), “Realiza-se effectivamente na próxima quarta feira a abertura d’este útil estabelecimento” (O Século, 1884) e assim, como em outros jornais, sucessivas publicações acerca da inauguração do Jardim Zoológico de Lisboa foram noticiadas na imprensa dando a conhecer, de acordo com o Jornal do Comércio (1884) o que representaria na história contemporânea de Portugal “*um acontecimento d’um alto alcance civilizador*”.

O avultado empreendimento e tão aguardado pela cidade de Lisboa teve como data de abertura para o grande público, o dia 28 de maio do ano de 1884. Mas antes mesmo desta data os leitores puderam acompanhar, de certo modo, o que era noticiado acerca do planeamento para que Portugal tivesse um jardim zoológico, e, neste caso, estes esforços estavam concentrados já na fase da criação e fundação do Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa, que seria o único até então situado na Península Ibérica, sendo este um dos motivos que impulsionaria tal iniciativa.

A escolha da localização de um jardim zoológico na cidade de Lisboa reunia determinados fatores pertinentes como as “*condições privilegiadas que em nenhuma outra cidade da Europa são excedidas para a favorável aclimação da fauna exótica*” (Silva, 1945, p.10). Outros elementos indicativos para a criação do Jardim Zoológico incidiram na riqueza zoológica “*a exhibir*” que povoava os domínios de Portugal, sendo “*nada melhor do que êsse mostruário para dar idéia imediata da espantosa diversidade e grandeza do Império*”, no valor recreativo considerado como a “*natural e legítima diversão ou brinquedo das crianças*”, no carácter lúdico e do mesmo modo educativo como “*necessário recreio e instrução do povo*”, e por fim a “*facilidade de aproveitar a experiência alheia*” (Silva, 1945, p.10).

Neste sentido, de acordo com Eric Baratay (2011) o jardim zoológico é um espaço fechado de enfrentamento entre os humanos e os animais, um local que possibilita a leitura das predileções dos humanos, assim como as formas de apresentar, considerar e tratar os animais e, do mesmo modo, as estratificações sociais e suas evoluções. Baratay coloca ainda que o jardim zoológico é um meio real, porém simbólico, de se apropriar da natureza ou mesmo o intuito de domesticá-la no espaço urbano, ao reunir a flora e a fauna dos quatro continentes. Para o autor, com início nas grandes descobertas, a criação dos jardins zoológicos representou e facilitou o empreendimento ocidental de dominar o mundo. Associado a esta premissa, diversas outras circunstâncias determinaram o surgimento dos zoológicos contemporâneos no século XIX, como, por exemplo, o exibicionismo dos animais, a natureza de forma conquistada pela dominação e exploração dos territórios dos seus domínios coloniais, as elites económicas e sociais à frente do empreendimento para a construção destes estabelecimentos, o planeamento urbano, entre outras (Baratay, 1997; Baratay & Hardouin-Fugier, 1999; Lambrechts, 2014; Leal, 2021, Duarte, 2021).

Desse modo, diversos zoos foram fundados no século XIX. Inaugurado no final do século XVIII, em 1793, o Jardin des Plantes de Paris foi o primeiro do Ocidente, tornando-se um espelho para o planeamento e criação de outros jardins zoológicos. Já no século XIX o primeiro jardim zoológico no Reino Unido teve sua inauguração em 1828, em Londres

(Baratay, 1997). De forma seguida, foram criados jardins zoológicos em Dublin (1831), Bristol (1835), Manchester (1836), Antuérpia (1843), Berlim (1844), Bruxelas (1851), Torino (1859), Budapeste (1865), Marselha (1854), Lyon (1858), Paris (1860), Frankfurt (1858), Colónia (1860), Hamburgo (1863), Aachen (1886), Stuttgart (1870), Copenhaga (1859), Moscovo (1863), Estocolmo (1883), Lisboa (1884), Barcelona (1892), entre outros (Baratay, 1997; Baratay & Hoardouin-Fugier, 2002). Na América do Norte, em 1874, o zoo de Filadélfia foi o primeiro dos Estados Unidos (Baratay & Hoardouin-Fugier, 2002; Hoage et al., 1996). Na América Latina os primeiros zoológicos surgiram ainda em finais do século XIX, como o de Buenos Aires (1875), Rio de Janeiro (1888) e Belém do Pará (1895), seguidos de outros.<sup>2</sup>

A urbanização empreendida na cidade de Lisboa, e de igual maneira noutras cidades, privilegiou o estabelecimento dos jardins zoológicos. Baratay (1997) e Baratay & Hoardouin-Fugier (2002) referem que a fundação dos zos nas capitais e nas grandes cidades deu-se em meados do século XIX, como por exemplo, aconteceu com o de Bruxelas. Foram criados na Bélgica quatro jardins zoológicos - Antuérpia (1843), Ghent e Bruxelas no ano de 1851 (porém fechando portas, respetivamente em 1878 e 1904) e no ano de 1865, o de Liège, fechando em 1905 - todos tiveram os seus propósitos definidos a partir de várias perspetivas tais como a sua função científica, o seu valor de entretenimento para os visitantes e a sua atribuição na cidade (Lambrechts, 2004 como citado em 2014).

Visitas às cidades que tiveram os seus primeiros zoológicos eram uma constante entre os que vislumbravam conceber tal iniciativa. Desta forma, a fim de compreender dinâmicas e práticas para pensar a conceção do Jardim Zoológico de Lisboa, foram realizadas visitas aos zos de Londres, Paris, Amsterdão, Berlim e Frankfurt (Diário de Notícias, 1882 & Silva, 1965). O mesmo ocorreu noutros países, como por exemplo na Argentina, no ano de 1883, o senador e futuro vice-presidente do país, Carlos Pellegrini, solicitou a modernização do setor zoológico do Parque Tres de Febrero, em Buenos Aires, ao constatar durante uma viagem que, mesmo cidades de médio porte, apresentavam jardins zoológicos, disponibilizando-se então, para a compra de animais selvagens com o intuito de abastecer tal empreendimento (Leal, 2021 como citado em Del Pino, 1979). Desta forma, denota-se uma relação pertinente, da importância da cidade, com a presença de um jardim zoológico.

De acordo com o Fernando Emygdio da Silva (1886-1972), que ocupou o cargo de Administrador do Jardim Zoológico de Lisboa no período compreendido entre 1937 e 1972 e publicou diversas obras sobre o Zoo, a fundação do Jardim Zoológico de Lisboa surge “depois do centenário de Camões – e no momento, em que Rosa Araújo, empenhado em abrir a Avenida, abre o caminho às Avenidas Novas” no qual, neste contexto, a “*Cidade decidia então do seu futuro*” e assim o Zoo nasceu “*na hora H*” (Silva, 1945, p.9). A ‘Avenida’ em questão, trata-se da Avenida da Liberdade, cuja abertura imprime à Lisboa o seu projeto de requalificação urbana, representando “*a síntese no ideal de embelezamento*” e “*simbolizando a modernização da cidade em todos os domínios (do urbanístico ao sanitário)*” (Matos & Silva, 2000). Ainda segundo, Emygdio da Silva (1945) a “cruzada” de Rosa Araújo para “chegar em linha recta dos Restauradores à Rotunda” não seria “talvez de molde a animar outras cruzadas”, porém a primeira resposta que “*Lisboa viu oferecer à construção da Avenida foi precisamente o*

---

<sup>2</sup>Já no século XX e mesmo “integradas às conexões mundiais dos zoológicos, as instituições latino-americanas tiveram trajetórias fortemente marcadas por práticas científicas e conservacionistas já em suas primeiras décadas, com notável atuação de grandes naturalistas” (Duarte, 2017; 2019; 2021, p.181). Nota-se que os jardins zoológicos das Américas apresentaram trajetórias distintas dos primeiros zos europeus que tiveram como berço as *menageries* e usufruíram dos domínios da colonização.

*Jardim*”, e neste caso, o Jardim Zoológico de Lisboa teve sua inauguração antes do fim das obras da Avenida da Liberdade (p.10).

Neste contexto, Gregório da Rosa Araújo que foi vereador na década de 70 (1872-1874), vice-presidente da Câmara (1876-1878), presidente da mesma entre 1878 e 1885 e após o fim deste mandato, manteve-se novamente como vereador até o ano de 1890, foi o “*porta-voz mais inesperado deste ideal de modernização e de importação de modelos de saneamento básico ou de urbanismo*” (Matos & Silva, 2000). Na intenção de angariar recursos financeiros para dar seguimento ao aparato urbanístico em Lisboa, Rosa Araújo imprimiu nos seus discursos a comparação com outras cidades da Europa, tais como Londres, Paris, Bruxelas e Madrid, que ostentavam mudanças nos seus planos de edificação das cidades, com vias amplas, *boulevards*, novos bairros, entre outros (Matos & Silva, 2000).

Comparações a determinadas metrópoles europeias também se estenderam ao Jardim Zoológico de Lisboa, mais especificamente, a França e a Inglaterra, quer seja em relação à sua estrutura, quer seja com relação à fauna do parque. Fernando Emygdio da Silva na publicação “Para que a Cidade tivesse seu Jardim”, do ano de 1945, relata que o Zoo e o Palácio de Cristal foram duas atrações notáveis de Londres que “marcaram o apogeu da era victoriana” e que Lisboa “*adoptou, pois, para seu ornamento a primeira. O Pôrto, honra lhe seja, construiu o Palácio*” (p.10). Em outro trecho relacionado às dificuldades das finanças do Zoo ainda no período da fundação, Emygdio da Silva refere que:

*“Este Jardim nunca teve finanças possíveis. Mas aí, a benemerência, o amor da Cidade, a idéia de Império, a causa das crianças e do povo, o interesse da ciência traziam consigo ou o empenho de subscrever ou a vergonha de não dar o dinheiro. Tudo isto, na verdade, com algumas ilusões à mistura. O invocado exemplo de Londres não colhia: faltava em Lisboa a população fixa e flutuante da capital britânica”* (p.10).

Numa edição da Sociedade do Jardim Zoológico, denominada “O Último Serão nas Laranjeiras” publicada no ano de 1934, o autor Augusto de Castro,<sup>3</sup> comparando com outros zoológicos europeus, trata do roseiral do Zoo de Lisboa. No texto, o autor faz referência a Londres, França e Roma, no qual relata que o Jardim Zoológico de Lisboa oferece ao público “*um cesto com as mais frescas rosas do Mundo, que nada têm a invejar às famosas rosas de Bagatelle que ilustraram, no Segundo Império, as festas de Paris*” (s.p.). No entanto, mais adiante no texto, o autor revela que o trabalho final do roseiral do Zoo de Lisboa foi delegado “*aos melhores jardineiros da França e de Inglaterra*” para alcançar o “*projecto da arquitetura subtil dos tons, das espécies, das raças*” das rosas, sendo o planeamento paisagístico desenhado pelo arquiteto Raul Lino e ficando sob responsabilidade do empresário Frederico de Lima Mayer escolher e agrupar as rosas (s.p.).<sup>4</sup> Em Lisboa, o projeto do Roseiral do Zoo de Lisboa traçado no ano de

---

<sup>3</sup> Advogado, político e diplomata, Augusto de Castro Sampaio Corte-Real (1883-1971), formou-se em Direito na Universidade de Coimbra (1903) e recebeu o Doutorado Honoris Causa pela Universidade do Porto (1970). Foi importante no cenário jornalístico, atuando nos diários A Província, no Porto, e na Folha da Noite, Jornal do Comércio, O Século, Diário de Notícias e A Noite, em Lisboa. Para além da sua atividade nos diários, fez diversas publicações, inclusive para o teatro (Sousa, 2021).

<sup>4</sup> Já o Roseiral de Bagatelle, foi projetado em 1905 pelo paisagista Jean Claude Nicolas Forestier (1861-1930) que teve papel fundamental na institucionalização do planeamento urbano em França, sendo atuante na defesa dos espaços abertos nas cidades, no embelezamento pautado no higienismo e na habitação saudável (Lesouef, 2021). Este roseiral situa-se no Parque de Bagatelle e compõe, junto com o Jardim des Serres d'Auteuil, o Parc Floral e o Arboretum de Paris - localizados noutros sítios da cidade - o Jardim Botânico de Paris. As coleções de rosas são enriquecidas a cada ano com novas variedades, para além da coleção de íris, peônias, entre outras coleções hortícolas e botânicas. O Concurso Internacional de Novas Rosas constitui em um evento marcante desde 1907, e implica na participação do

1939 ficou ao cuidado do arquiteto Raul Lino (1879-1974) que, inclusive, esteve à frente de diversos projetos arquitetónicos no Jardim Zoológico de Lisboa, como a Aldeia dos Macacos (1927), o Solar dos Leões (1931), a Casa dos Elefantes e a Ilha dos Ursos (1934), entre outros. De acordo com Fernando Emygdio da Silva (1945), no Jardim Zoológico de Lisboa, Raul Lino “*soube aliar a selva a um parque do século XVIII*” (p.33). Contrapondo o Jardim Zoológico de Roma e Londres, sendo o primeiro por lembrar um museu, tal o contexto histórico imbuído no local das suas instalações - a Villa Borghese, próximo ao Coliseu e o segundo, por intencionar ser caricatura de selvas. Nesta circunstância, o Jardim Zoológico de Lisboa seria “*entre os seus congêneres do Mundo, talvez o único – verdadeiramente jardim*” pelo fato dos animais não parecerem prisioneiros em virtude da harmonia destes com o verde do parque (Castro, 1934, s.p.).

Se por um lado as correlações com outros zootos<sup>5</sup> colocavam o Jardim Zoológico de Lisboa num lugar elevado, por outro, as solicitações de uma estrutura complexa destas instituições no deslocar da sua trajetória, apontam as dificuldades e anseios de mudanças na tentativa de salvaguardar o público, equilibrar o orçamento e, sobretudo, o foco principal de atração e existência destes espaços: a fauna, estimada entre a quantidade de espécimes e a representação exótica das mesmas.

De fato, a intenção de conjugar ao Jardim Zoológico de Lisboa um museu para “onde o visitante vai ver o que de resguardo carece mas estreitamente se conjuga com o que viu exposto ao sol” remete novamente a Paris, fazendo menção a *La Ménagerie*, ao zoológico do *Jardin des Plantes* e ao Zoo de Vincennes, uma vez que ambos possuem associados aos seus parques um museu (Silva, 1959). A *Grande Galerie de l'Évolution*, denominada antes como *Galerie de Zoologie*, é parte integrante do Zoo do *Jardin des Plantes* e foi renovada no ano de 1994. O Jardim Real de Plantas Mediciniais, criado em 1626, foi transformado após a Revolução francesa em Museu de História Natural para o qual as suas coleções, inicialmente foram exibidas no Gabinete de História Natural e posteriormente, em galerias temáticas como a Galeria de Zoologia que funcionou de 1889 a 1965 (*L'histoire de la Grande Galerie de l'Évolution*, s.d.). Já o Zoo de Vincennes, inaugurado em 1934, teve sua trajetória a partir de um zoo temporário criado durante a Exposição Internacional Colonial de 1931, sediada na cidade de Vincennes e que tinha como intuito a apresentação de animais exóticos à população. O Museu de História Natural de Paris – ao qual o Zoo pertence – e a cidade de Paris, perante o êxito de público de tal iniciativa, criaram o então *Parc Zoologique de Paris*, mais conhecido como Zoo de Vincennes (*Histoire du zoo*, s.d.). Quanto ao zoológico de Lisboa, o desejo de tal iniciativa encontrava o seu lugar na representação dos domínios das colónias. Um espaço estabelecido para servir de vitrine, de mostruário, para a exposição da fauna exótica de Portugal frente aos domínios do Ultramar. Como público, o alvo estaria particularmente direcionado às crianças, de modo que:

*“Não será dest’arte oportuno criar, enquadrando nesta mesma moldura, e em ligação direta com o que está ao ar livre, um abrigado centro cultural, onde pela palavra e pela imagem (museu, exposições, teatro, cinema, conferências, lições) essa já visionada*

---

público para o qual, antecedendo o concurso, são convidados a escolher as suas três rosas mais estimadas e perfumadas (Ville de Paris, 2021).

<sup>5</sup>De acordo com Baratay & Hardouin-Fugier(2002), o termo ‘zoo’ foi designado e generalizado desde a criação do Zoológico de Londres em 1828. Adicionalmente, ‘parque zoológico’, ‘zoológico’ e ‘jardim zoológico’ apresentam-se como sinónimos, sendo este último, utilizado, na maior parte das vezes, como um espaço de apresentação de animais exóticos, raros ou selvagens.

*grandeza do Império possa encontrar, qualificada e aliciante, a sua feliz contraprova?”*  
(Silva, 1959, p. 22).

O local de interesse para tal iniciativa tratava-se do Teatro Thalia, também conhecido por Teatro das Laranjeiras. Construído pelo mecenas das artes, político e empresário Joaquim Pedro Quintela (1801-1869), intitulado 2º Barão de Quintela e 1º Conde do Farrobo, o Teatro foi inaugurado em 1843. Em 1862, sofreu um incêndio, e após esse acontecimento permaneceu abandonado durante 150 anos. Com endereço na Quinta das Laranjeiras, o Teatro Thalia foi instalado próximo ao Palácio das Laranjeiras e os seus jardins anexos abrigaram o Jardim Zoológico de Lisboa. O Palácio da Laranjeiras foi adquirido em 1940 pelo Ministério das Colónias e transferido para a Secretaria-Geral da Educação e da Ciência em 2005, passando por um processo de recuperação arquitetónica para ser utilizado para meios científicos e culturais desta mesma secretaria e de órgãos do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, com disponibilidade para uso temporário ou de forma eventual para demais públicos. No período após o incêndio, mesmo estando o teatro abandonado, aos olhos do Jardim Zoológico de Lisboa, seria ele, o *“lugar eleito para tão eficiente mostruário”*, uma vez que já existia *“construído e soberbo, pronto a exercer o seu pontificado”* e mesmo que *“o famoso teatro de Farrobo – embora de custoso restauro”* teria nele possibilidades sem fim para os propósitos da representação das imagens do Império (Silva, 1959, p. 22; Diário Ilustrado, 1873; Silvestre, 2012).

Por outro lado, apesar da aspiração pelo Teatro Thalia, as contingências da fauna, que serviriam como uma vitrine dos domínios do Império, sucumbiam em número e geravam um incómodo seis anos depois do Jardim Zoológico de Lisboa abrir as suas portas ao público. Apenas em 1890 *“se pensou (...) em mandar vir animais das colónias”* na condição de que *“Parece que estávamos, havia mais de seis anos, em África, e a chegada da fauna exótica seria o meio que logo lembrava para se animar a bilheteria”*, fato que apenas ocorreu passados dois anos (Silva, 1945, p. 20). Também esta situação do mostruário da fauna que, acabava por se refletir na bilheteria, encontrava pautas nas comparações diante dos zoológicos de Londres e Paris. Esta questão centrava nas colónias sob o domínio de Portugal, um *“reservatório formidável da fauna tropical”* que não se fazia chegar a Lisboa posto que *“além do elefante grande, um elefante pequeno”* enquanto em *“Londres e Paris há verdadeiras manadas”*. Contabiliza-se assim, a escassez de determinados animais que poderiam ser providos pelas colónias (Silva, 1948, p.30-31), visto que:

*“Nenhum país colonial tem uma fauna com interesse e variedade superior à nossa. Angola e Moçambique são dois autênticos paraísos zoológicos: ainda há pouco o ouvimos dizer em Paris; seria bom que se pudesse mostrá-lo nas Laranjeiras.”* (Silva, 1948, p. 29)

As comparações praticadas em contextos variados entre os zoológicos não seriam diferentes, uma vez que ao olharmos a trajetória dos mesmos, que neste período, vieram de um lugar de poder, de status e posteriormente muito também advém do momento de desenvolvimento das cidades, como disposto anteriormente, que traçavam seu ordenamento urbanístico e a transformação das suas infraestruturas, vislumbrando sua modernização e qualificação, reflexo do crescimento da sociedade nas metrópoles. De acordo com Matos & Silva (2000), o processo de modernização da cidade é concebido num panorama de competição internacional entre metrópoles e capitais, movimentando interesses e recursos financeiros, que, para além de

proporcionar outras possibilidades de transporte, energia e saneamento básico, possivelmente pode ter efeitos em novos espaços de sociabilidade.

Desta forma, a relação entre o Jardim Zoológico de Lisboa e a cidade assume um lugar de desejo, de arrojamento de empreendimento, de poder, por ser o primeiro zoo da Península Ibérica, além de ostentar a posse de uma fauna exótica dos seus domínios imperiais que pudesse abastecer as suas coleções zoológicas, quer seja em variedade quer seja em quantidade, e de igual maneira, oferecer e tornar-se para a cidade, um espaço de atração, divertimento e ao mesmo tempo de instrução. Assim sendo, a imprensa trazia incutida no seu noticiário a magnitude de tal empreendimento e não deixava dúvidas para a sociedade sobre as razões que acabaram ocasionando a fundação do Jardim Zoológico de Lisboa, como mencionado acima.

Assim, o Jornal do Comércio na publicação sobre a abertura do Zoo noticia de forma pormenorizada, no dia 28 de maio de 1884, a importância da instituição não só para Lisboa como também para Portugal mencionando que “*Nenhum paiz estava mais nas condições de ter um Jardim Zoologico e de Acclimação, do que Portugal, pelas condições especiaes do seu clima, pela excelência das colonias que possui em todas as partes do globo*”. Já o Diário de Notícias, do dia 24 de maio de 1884, numa publicação sobre um jantar com os membros da direção no próprio Jardim Zoológico, noticiou o que seria a fundação deste para Lisboa, um “*instituto altamente instructivo e recreativo*”, no qual publicações seguintes, sobre os animais e os elementos de entretenimento oferecidos ao grande público, deixam claro a função de um novo espaço de sociabilidade que o Zoo proporcionará para a cidade.

## **1.2 Notícias sobre o Jardim Zoológico de Lisboa**

Antes mesmo da abertura das suas portas ao grande público, no dia 28 de maio de 1884, o Jardim Zoológico de Lisboa desfrutava de um lugar em determinados jornais de Lisboa. Quando da possibilidade de planejar um zoo em Portugal, reuniões, nomes, estatutos, convocação dos acionistas e animais, encontravam registos constantes no noticiário, de forma que as atividades preparatórias para a constituição da Sociedade do Jardim Zoológico e Aclimação de Portugal ganhou espaço na imprensa já no ano de 1882.

De certa forma, aquilo que é noticiado nos meios de comunicação tendo em vista um público alargado, produz narrativas, representações e ideários que muitas vezes, senão na sua maioria, têm a capacidade de atuar e interferir, quer nos indivíduos, quer nas suas vidas cotidianas.

Para Barbosa (2019), diante da grande quantidade de fontes documentais, como por exemplo, os próprios jornais, correspondência, memórias, entre outros, faz-se necessário ter em consideração a particularidade dos documentos com os quais foram estabelecidos para realização de uma investigação e assim compreender as funções que desempenharam na sua própria origem. Neste sentido, inicialmente, os média tornaram-se porta-vozes do Zoo de Lisboa noticiando os animais que chegavam ao parque, os seus doadores, os seus elementos de entretenimento, as visitas ilustres e o ir e vir da sociedade que buscava as maravilhas que até então se dava a conhecer pelos anúncios dos jornais.

As visitas dos jornalistas ao Jardim Zoológico de Lisboa rendiam descrições, muitas vezes pormenorizadas, das aldeias, dos recintos destinados aos animais, assim como da fauna exibida. Tais resenhas são formas do público (re)visitar o lugar e de igual maneira procurar ver com seus próprios olhos aquilo que está sendo dimensionado, tanto em relação ao parque quanto

em relação aos animais, sobretudo querer experienciar tudo aquilo que estava sendo apresentado e muitas vezes, com diferentes perspectivas, uma vez que cada publicação e sobretudo cada jornal, tem as suas próprias narrativas.

Por este ângulo, fazer uso da imprensa como fonte de investigação exige determinados cuidados que se encontram associados à conjuntura da produção destes textos e também à intencionalidade com que os mesmos foram produzidos. Para isso torna-se importante um olhar crítico sobre as publicações uma vez que *“uma memória partilhada em momentos de comemoração, por exemplo, não indica a veracidade das descrições, mas permite descortinar que imagem interessava ao próprio periódico construir sobre si mesmo”* (Barbosa, 2019, p.13). Da mesma forma, interessa compreender que as investigações que têm como fontes documentais a imprensa, para além do olhar criterioso, como mencionado acima, também podem ser espaços interessantes para análise no qual os escritos têm as suas representações num discurso de tempo e de lugar, na tentativa de encontrar múltiplos diálogos condicionados no aprisionamento da palavra que está impressa (Barbosa, 2019, p.16).

Nesse sentido, quando da visita de determinados jornais ao Jardim Zoológico de Lisboa, especialmente na data e/ou próximo da data da sua inauguração ao grande público, tem-se diversos apontamentos no que diz respeito a descrição, com maior detalhe, por vezes das visitas dos jornais ao Zoo, de determinados recintos, da lista dos animais presentes no parque e, em algumas circunstâncias, de quais são estes animais, assim como o número de exemplares exibidos em cada jaula, dos animais no qual os visitantes podem alimentar, as instruções da direção dirigidas aos mesmos para não agitar e nem molestar os animais.

Tais publicações, mostram-se imbuídas de um discurso cujas intenções são as de atrair o público, uma vez que interessa também, a contabilidade do valor da receita, a transformação do Zoo de Lisboa como um lugar de sociabilidade, da própria construção do Jardim Zoológico como um empreendimento de progresso e desenvolvimento para a capital e o valor incutido nos animais oriundos das possessões Ultramarinas, como aponta, por exemplo, os jornais, Diário de Notícias o Jornal da Noite e o Jornal do Comércio:

*“Os nomes marcados com (\*) indicam os animaes, aos quaes é permitido dar alimento. Todos os outros animaes tem comida especial e a horas determinadas. A direcção do jardim pede aos visitantes o favor de não excitar, nem molestar, qualquer animal, para não prejudicar os domésticos, nem enfurecer os ferozes.”* (Diário de Notícias, 28 de maio de 1884)

*“O jardim zoológico, que é um melhoramento importantíssimo para a capital vae tornar-se de certo o ponto de reunião favorita dos habitantes d’esta. As sombras fresquíssimas dos seus arvoredos, as deliciosas paisagens que se disfructam, o gosto artistico com que tudo, emfim, está disposto, hão de forçosamente atrahir ao magnifico parque grande numero de visitantes.”* (Jornal da Noite, 28 e 29 de maio de 1884)

*“o público provará, desde amanhã, o seu apreço, concordando connosco em que o Jardim Zoológico é dos documentos mais notáveis do nosso progresso intellectual, e do nosso amor por todos os progressos, n’estes ultimos tempos.”* (Jornal do Comércio, 28 de maio de 1884)

Os jornais revisitados para esta investigação tiveram as suas edições publicadas em Lisboa - conforme já mencionado na metodologia deste trabalho - e, na sua maioria, já se encontravam em funcionamento no final de oitocentos, essencialmente no ano de 1884, na ocasião da fundação do Jardim Zoológico de Lisboa e em 1885, quando a instituição completou um ano de atividade, à exceção dos jornais Expresso, A Capital, Diário de Lisboa e Público, que são posteriores a esta data. Todos fizeram publicações sobre a inauguração do Jardim Zoológico quer de forma mais detalhada, relativamente à fauna, aos seus recintos, às visitas ilustres ao Parque, entre outras ações iniciais da trajetória do Jardim Zoológico de Lisboa, ou mesmo, como o jornal A Nação, do dia 28 de maio de 1884, noticiando a abertura do Jardim Zoológico ao público, com informações sobre valores, atração musical e agradecimento do convite enviado pelo Jardim. Na notícia do dia seguinte, o jornal destacava que a coleção zoológica não se encontrava completa, mas que naquele momento, se tinha muito para visitar (A Nação, 1884).

Determinadas lacunas em relação às notícias ocorreram em virtude das datas de circulação dos jornais face aos períodos e marcos temporais estipulados para esta investigação, assim como à existência e/ou disponibilidade dos mesmos nos arquivos durante o período de desenvolvimento desta pesquisa, como por exemplo o jornal A Capital. Importante registar que os anos de 1909 e 1959, respectivamente os aniversários de 25 e 75 anos do Jardim Zoológico de Lisboa, não foram datas de comemorações expressivas pelo que não surgiram notícias de relevo nos jornais havendo assim um hiato em termos de análise durante estes dois períodos.

Os jornais têm em si o seu caráter diretivo político, apresentando cada um o seu traço e particularidade na comunicação dos noticiários, ocasionando desta forma a sua identidade, por serem uma compilação de questões que perpassam o individual, no sentido de cada um que assinala uma publicação, mas também do coletivo, pela diversidade de profissionais que o constituem, bem como dos fatores externos, como o público e os contextos económico, político e social. De acordo com Barbosa (2018, p.29) os jornais “fazem parte de um sistema de comunicação com temporalidade e territorialidade próprias”.

### **1.3 Um grupo seletivo de médicos e a fundação do Jardim Zoológico de Lisboa**

A 3 de agosto de 1882, o jornal Diário de Notícias iniciava as publicações sobre o Jardim Zoológico de Lisboa, dando a conhecer ao público, já na primeira página, a intenção de “fundar n’um dos lugares mais apropriados da capital um estabelecimento tão agradável para Lisboa, quanto útil para todo o país” e que “formar-se há uma sociedade de zoologia e de aclimação de animais e plantas úteis e ornamentais, com aquário, como já existe, de primeira ordem no Bois de Boulogne (Paris) e na Haya (Holanda)”.

A notícia traz ainda que tal resolução estava sendo tratada seriamente por iniciativa do dr. Van der Laan (1811-1888), um “amador entusiasta e proprietário do maior aviário em Portugal” com a colaboração dos “distintos professores drs. Bocage, Bento de Sousa, Sousa Martins e May Figueira” e que dispoñdo do “auxílio dos mais distintos naturalistas e de varios amadores capitalistas de Lisboa, Porto e das provincias” pretendia partir para o estrangeiro fazendo uso desta viagem para “visitar ali os melhores jardins e instituições de zoologia” e estabelecer relações com os mesmos. Dias depois desta publicação, a 15 de agosto, o mesmo periódico noticiava sobre “o nucleo promotor da fundação d’este estabelecimento scientifico, de estudo, instrucção popular e recreio publico, que virá preencher uma das grandes faltas que se dão na nossa capital”, citando novamente o médico holandês como sendo o personagem que propôs “os fundamentos da idéa civilisadora” e os mesmos nomes apresentados na notícia de 3

de agosto, acrescentando apenas o nome do médico António Maria Barbosa, como “*associados aos seus esforços cinco outros medicos distinctos e homens de sciencia de muita auctoridade*”.

De acordo com Fernando Emygdio da Silva, na obra “História do Jardim Zoológico de Lisboa” de 1965, as duas publicações do Diário de Notícias mencionadas acima no texto, constam dos “primeiros rumores do empreendimento” e “a primeira como um boato, ainda que consistente pelos pormenores contidos; a segunda como preliminar de uma realização em marcha” (p.3). Porém, uma publicação adiante, do dia 26 de novembro de 1882, no mesmo diário, confirma que o médico Van der Laan fez uma “*viagem de estudo às principais cidades europeias que possuem jardins zoológicos entre os seus estabelecimentos públicos de recreio e de educação*” e que o mesmo tratou de reunir “*todos os elementos necessários para se poder começar com segurança a dar execução aos trabalhos práticos*”, mencionando as visitas à Londres, Paris, Amsterdão, Berlim e Frankfurt (p.6-7).

Pedro Adriano Van der Laan, médico holandês, formado pela Universidade de Utrecht, com especializações em clínicas de Viena, Praga, Berlim e Paris, estabeleceu-se em Lisboa em 1869, com a intenção de procurar “um melhor clima para os seus pulmões doentes” (Silva, 1965, p.20). A publicação do Diário Ilustrado de dia 22 de março de 1888 sobre o seu falecimento, destacou o quanto o médico “*era inegavelmente um homem da sciencia, um estudioso, que cultivava a especialidade a que se dedicava*” um “*conhecidissimo especialista de doenças d’olhos*” (p.2).

Em paralelo à sua atuação no campo médico, o oftalmologista Van der Laan era conhecido por possuir um aviário junto à sua casa em Santa Isabel<sup>6</sup> e fontes diversas mencionam que a maioria dos animais que compunham a coleção na altura da fundação do Jardim Zoológico de Lisboa, eram de sua propriedade, sendo assim perceptível o seu envolvimento como primeiro personagem a propor a criação do Zoo (Silva, 1945 e 1965; Ramalho, 1941 & Diário Ilustrado, 1888).

Para além do médico holandês, José Tomaz de Sousa Martins (1843-1897) foi outro personagem da ciência apontado como imprescindível para a criação do Zoo. De acordo com Fernando Emygdio da Silva (1948) na altura da fundação do Jardim Zoológico de Lisboa, “tiveram acção preponderante dois homens: o dr. Sousa Martins e Van der Laan” (p.24).

Sousa Martins estudou ciências farmacêuticas e ciências médicas em simultâneo, formando-se no ano de 1864 em farmácia e, em 1866, em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (Repolho, 2008; Silva, 1944). Foi sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa no ano de 1867 e membro efetivo da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. No ano de 1874, ingressou como médico no Hospital Real de São José e, em 1876, tornou-se professor da cadeira de Patologia Geral, Semiologia e História da Medicina na mesma Escola em que se tornou médico (Souto, 1955).

Pertenceu a diversas sociedades internacionais e teve um papel relevante para a medicina de Portugal fazendo parte de diversas comissões de serviço público. Por sua excelência na oralidade, ficou responsável por apresentar na primeira reunião inaugural, as

---

<sup>6</sup>A freguesia de Santa Isabel surge em meados de 1741 e após o terramoto é considerada como a mais populosa das freguesias de Lisboa e Portugal. Na reorganização administrativa do território (Lei n.º22/2012, de 30 de maio), é extinta e junto com a Freguesia de Santo Condestável, passa a formar a Freguesia de Campo de Ourique. Para mais, ver Portal das Freguesias, disponível em <https://www.freguesias.pt/freguesia.php?cod=110630>.

intenções do empreendedorismo, que seria fundar um jardim zoológico em Portugal, com o objetivo de conseguir apoiantes para o projeto (Silva, 1965). Assim, estava formada a rede de homens das ciências que resultou na fundação do Jardim Zoológico de Lisboa. A Sousa Martins e Van der Laan associaram-se outros dois médicos, Manuel Bento de Sousa (1835-1899) e António Maria Barbosa (1825-1892).

Professor de Anatomia e Clínica Cirúrgica, Manuel Bento de Sousa, nascido na cidade do Porto, exerceu atividade de destaque como clínico, cirurgião e anatomista. Esteve à frente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, ocupando o cargo de presidente nos anos de 1875 e 1876. Sua intercessão com Sousa Martins teve início na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, com a defesa de Sousa Martins na Escola, sendo Manuel Bento um dos seus arguidores.

Para além das atividades médicas, outro personagem que atuou ao lado de Manuel Bento na chamada comissão do terreno em prol da fundação do Jardim Zoológico de Lisboa, a segunda, de três comissões (a primeira comissão destinava-se aos estatutos na intenção do regimento das leis e a terceira, a da fazenda, envolvia os homens de negócio, como os milionários, empresários e banqueiros) referente aos trabalhos preparatórios para a fundação do Jardim Zoológico de Lisboa, foi o médico-cirurgião nascido na cidade da Horta, Açores, António Maria Barbosa (1825-1892). António Maria teve uma carreira próspera neste campo de atuação, tornando-se lente proprietário na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Em, foi nomeado médico honorário da Casa Real (1859), da Sociedade das Ciências Médicas, presidente da (1870 a 1872), e anos mais tarde (1879), sócio efetivo da Academia Real das Ciências (SCMED, s.d; Barata, 2019).

Da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, desponta mais um médico a serviço da fundação do Jardim Zoológico de Lisboa. Trata-se de Carlos Miguel Augusto May Figueira (1829-1913), lisboeta formado pela Universidade de Coimbra e destacado médico na história da fotomicrografia de Portugal. Do regresso de Paris passou a lecionar no curso que criou de microscopia na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (Peres, 2021). Dentre as suas publicações, encontra-se o programa deste curso, publicado pelo médico de forma pormenorizada no periódico *O Instituto: jornal científico e litterario*, corroborando o domínio e habilidade na área pelas demonstrações realizadas em diferentes microscópicos e na amplitude de material biológico utilizado, fazendo uso da anatomia padrão, animal, vegetal e patológica (Figueira, 1863). Como lente de clínica médica, compartilhou com Sousa Martins a Comissão da Farmacopéia Portuguesa, no ano de 1876 (Conceição *et al.*, 2014).

Por fim, o último dos cinco personagens citados no empenho para a fundação do Jardim Zoológico de Lisboa foi José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907). Formado pela Universidade de Coimbra, o médico do Funchal, Madeira, teve destaque na ciência de Portugal como zoólogo. Professor da Escola Politécnica desde 1851, Barbosa du Bocage organizou o museu, o gabinete e o laboratório de zoologia e anatomia comparada, utilizados no ensino da escola, sendo que em 1862, as coleções de zoologia e de mineralogia agregadas à Escola Politécnica, passaram à configuração e designação de Museu Nacional de Lisboa, sendo Bocage o diretor da seção de zoologia (Madruga, 2019).

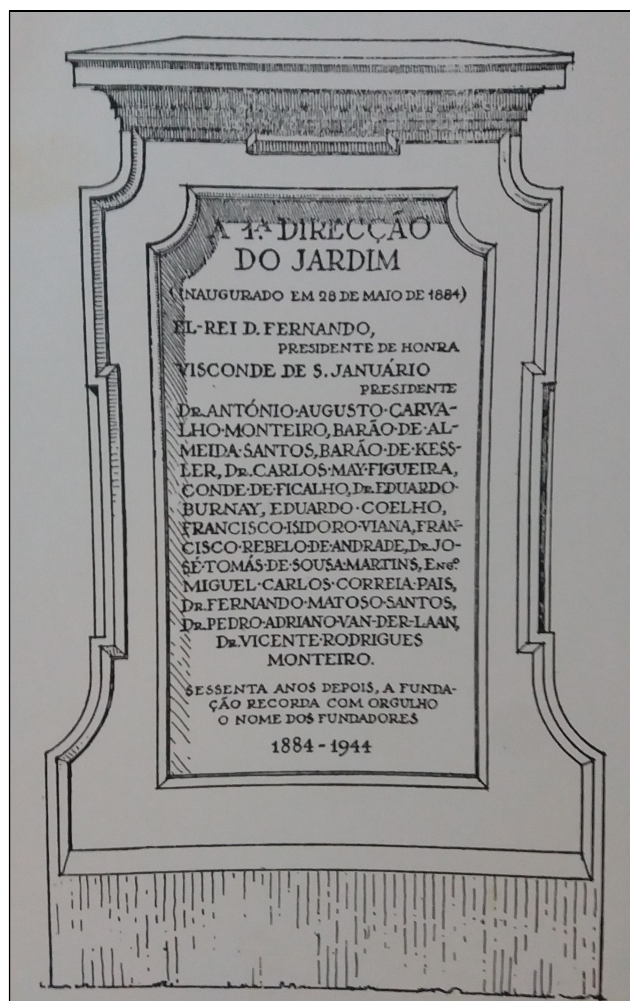
Seu percurso direcionado para as coleções zoológicas, que envolvem permutas e acréscimo de espécimes, assim como os cargos políticos relacionados aos territórios africanos, propiciaram o desenvolvimento de uma rede internacional que seria muito valiosa para o Jardim Zoológico de Lisboa, no que tange à formação e ao acréscimo das coleções dos animais

(Ceriaco, 2014). Barbosa du Bocage estava inserido na comissão do terreno, a mesma na qual os médicos Manuel Bento e António Maria Barbosa participavam, que segundo Fernando Emygdio da Silva (1945, p. 11) era a comissão onde estavam reunidas “*a ciência e a política*”.

<b>Médicos</b>	<b>Jardim Zoológico de Lisboa</b>
Pedro Adriano Van der Laan	Comissão Promotora da Fundação 1ª Direção Administrador-Secretário (1883-1884) Administrador (1883-1884)
José Tomás de Sousa Martins	Comissão Promotora da Fundação 1ª Direção Administrador (1883-1884) Secretário da Assembléia Geral (1885-1897)
António Maria Barbosa	Comissão Promotora da Fundação
Carlos May Figueira	Comissão Promotora da Fundação 1ª Direção Administrador (1883-1884)
Manuel Bento de Sousa	Comissão Promotora da Fundação
José Vicente Barbosa du Bocage	Comissão Promotora da Fundação

**Quadro 2** Médicos da Comissão Promotora da Fundação do Jardim Zoológico de Lisboa e demais funções exercidas.

O quadro acima (Quadro 2) reúne os médicos da Comissão Promotora da Fundação do Jardim Zoológico de Lisboa, assim como outros cargos exercidos pelos mesmos no Jardim Zoológico. Porém, na lápide comemorativa dos sessenta anos do Jardim Zoológico de Lisboa, nota-se os personagens da primeira direção com os dois principais fundadores, os médicos Van der Laan e Sousa Martins (Silva, 1945).



**Figura 1.1** Registo da primeira direcção do Jardim Zoológico de Lisboa

Observa-se que para o empreendimento de fundar o Jardim Zoológico de Lisboa, os personagens cruciais cruzavam-se numa rede de ciências iniciada por médicos que alcançaram destaque nos seus officios, sendo que aqueles que não eram médicos, mantinham de certa forma uma relação com a história natural e que, todo o conjunto de atividades realizadas por eles, evidenciava uma elite privilegiada do país.

Tais relações entrelaçaram-se pelos seus officios, um ‘emaranhado’ que se dava transversalmente nas instituições nas quais muitos presidiram em cargos de presidente e/ou como membros de destaque nas sociedades científicas, como a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, a Academia de Ciências de Lisboa, a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa ou demais instituições que, entretanto, tinham um pendor científico. Além do fato de estarem associados de uma forma ou outra, assim como em alguma ou todas as circunstâncias adiante; como a formação de coleções científicas - vivas ou não, a posse de animais em seus domínios particulares, a uma certa relação dentro das suas funções com as possessões ultramarinas e sobretudo, o caráter político e histórico frente às outras nações com os seus jardins zoológicos, que ostentavam um lugar de status e de poder.

No Jardim Zoológico de Lisboa, após a abertura de portas ao grande público, muitos destes personagens ocuparam cargos diversos, desde a presidência de honra à secretaria da Sociedade.

#### 1.4 Um lugar para chamar de seu – a morada definitiva

A primeira morada do Jardim Zoológico de Lisboa situava-se no Parque de São Sebastião da Pedreira, em Palhavã. O Diário de Notícias, do dia 28 de maio de 1884, data de abertura do Zoo ao público, noticiava o motivo pelo qual o Jardim encontrara residência para os animais. Segundo a matéria, o Jardim situava-se numa:

*“esplêndida vivenda fundada pelo digno par do reino, Eugenio de Almeida, e hoje propriedade da sr.<sup>a</sup> D. Gertrudes de Almeida Pinto e seu marido o antigo deputado, negociante e capitalista sr. João Antonio Pinto, os quaes cederam bizarramente o parque para a sociedade do jardim zoológico poder cumprir os fins da sua criação.”*

Ainda de acordo com a notícia, a cedência do espaço teve *“desde logo, grande importância, e fez entrar a sociedade em condições de mais segura existencia, dando lugar a que ella pudesse alargar a sua ação e tornar mais productiva a sua actividade”* e que foi nestas circunstâncias que então foram delineados e construídos *“os diferentes recintos, jaulas e gaiolas, em que expõe os animaes”*. Uma vez instalado o Zoo no Parque de Pavalhã, permaneceu nesse endereço por oito anos, quando seus donos faleceram sem prorrogar por mais cinco anos a concessão do terreno que iria até 1894. Os novos proprietários comunicaram a suspensão da cedência do parque e em 1892, a direção do Jardim precisou buscar outra morada para os animais (Silva, 1945).<sup>7</sup>

A necessidade de mudança fez com que a direção do Zoo arrumasse *“de qualquer maneira a complicada engrenagem em uns terrenos ou escavaldos ou de sementeira, contíguos ao antigo parque, mais ou menos no lugar onde hoje se abre a avenida de Berna”*, porém antes de encontrar tal morada e *“enquanto lhe não despejavam as feras, pôs-se dest’arte a passear por Lisboa”*, visto que surgiram diversas sugestões, tal como a *“Tapada da Ajuda ou para a cêrca da Casa da Pia, conforme se pensara de início, mas como a aflição era maior, deveria ir também ou para o Campo Grande, ou para o Parque Mayer, ou para o Jardim da Estrêla, ou até para o Bairro Camões”* (Silva, 1945, p.20).

A solução encontrada pela direção, porém, não foi de fato satisfatória, uma vez que a mudança de endereço fez baixar sensivelmente as entradas para o Jardim Zoológico e ficou o Zoo *“na miséria da sua segunda instalação”* por doze anos, quando novamente, porém de forma definitiva, partiu para a sua segunda mudança (Silva, 1945, p. 20). Na verdade, as entradas do Jardim já haviam sofrido uma queda, uma vez que no ano de 1892 *“todas as desgraças se abatiam sobre o país”* (Silva, 1959, p. 11).

O então terceiro endereço do Jardim Zoológico de Lisboa encontrou seu lugar nas Laranjeiras. Em 1904, o Jardim fez um *“vantajoso arrendamento”* que o levava *“até os velhos domínios de Farrobo”*, que na altura já pertencia a Henry Burnay (1838-1809), o Conde de Burnay (Silva, 1945, p.21). Empresário e político, sendo duas vezes deputado, manteve atividade na Companhia dos Tabacos de Portugal, no monopólio e exploração na Real Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e também nas redes marítimas com o intuito de

---

<sup>7</sup>No primeiro endereço do Jardim Zoológico de Lisboa, em Palhavã, instalou-se anos depois a Fundação Calouste Gulbenkian (Silva, 1959). A partir de 1957, iniciou-se a aquisição, preparação do parque e instalações provisórias da Fundação. Uma informação mais detalhada, encontra-se no link <https://gulbenkian.pt/arquivo-digital-jardim/projeto-do-jardim/preparacao-parque-instalacoes-provisorias/>

transportar produtos de importação e exportação, assim como diversos investimentos que lhe conferiram, pela imprensa da época, a alcunha de “*Senhor Milhão*” (ANTT, 2016).

Nos preparativos da fundação do Jardim Zoológico de Lisboa, Conde de Burnay fez parte da Comissão da Fazenda, que “*por si só representava no país a habilidade e o dinheiro*” (Silva, 1945, p. 11).<sup>8</sup> Estas duas representações foram imprescindíveis para no dia primeiro de março de 1904, ele, o Conde de Burnay e os dirigentes do Jardim assinarem a escritura de arrendamento da Quinta das Laranjeiras e da Quinta das Águas Boas, com uma cláusula que permitia ao arrendatário a possibilidade de compra das duas quintas (Silva, 1948). Tal processo não trouxe ao Zoo de Lisboa uma morada ainda assegurada, uma vez que com a morte do Conde de Burnay houve um mandato de despejo e havendo morosidade da justiça, apenas no ano de 1920 o Jardim Zoológico de Lisboa passou de fato a ser proprietário do seu endereço definitivo.

Para além de fazer parte da comissão da Fazenda, Conde de Burnay era irmão de Eduardo Burnay (1852-1924), médico formado pela Universidade de Coimbra, professor de química e zoologia da Escola Politécnica de Lisboa e também “*homem de negócios e administrador de largo estôfo*” (Silva, 1945, p. 15). Delegado de saúde, teve atuação junto a Sousa Martins e outros médicos nos debates e defesa do apoio às técnicas pasteurianas de tratamento da raiva em Portugal na Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, nos anos de 1886 e 1887 (Dias, 2003), assim como também nas reuniões da mesma Sociedade para a prevenção da cólera, como já descrito anteriormente. Eduardo Burnay figura entre o grupo dos demais personagens na lápide comemorativa dos sessenta anos do Jardim Zoológico de Lisboa, fazendo parte da rede de ciências dos fundadores da então Sociedade.

---

<sup>8</sup>Segundo Silva (1965) após a constituição da primeira direção do Jardim Zoológico de Lisboa e eleito o presidente, tesoureiro e secretário-gerente, os doze restantes membros da direção distribuíram-se nas três comissões prevista no artigo 13º dos Estatutos, sendo elas a Comissão de Zoologia, a da Botânica e a Administrativa.

## Capítulo 2. A Comunicação de Ciência

### 2.1 A construção do lugar de ciência do Jardim Zoológico de Lisboa e a imprensa

Sabe-se que o principal veículo para todo tipo de informação e assim, de uma certa forma, da construção do imaginário acerca do Jardim Zoológico de Lisboa, foi inicialmente realizada pela imprensa, a contar do momento em que surgiu sua concepção por parte dos insígnis médicos, como já foi abordado no capítulo anterior.

Diante disso, o Jardim Zoológico de Lisboa teve o seu espaço na imprensa e esta reverberava os acontecimentos à sociedade. As notícias que ocuparam as páginas dos jornais, sendo as mesmas, extensas ou não, sobre o Zoo, continham um ‘lugar’ por parte dos media em relação ao empreendimento que estava sendo planejado para Lisboa e sobretudo para Portugal, antes, durante e depois do processo de fundação do Jardim Zoológico. A construção da imagem, quer seja através do que se passava nas reuniões, quer seja nas doações de animais efetuadas ao Jardim Zoológico, assim como o novo espaço de lazer para a sociedade, encontrou, de fato, na imprensa, a concordância e o reconhecimento que o empreendimento de se fundar um jardim zoológico teria.

Também é evidente que este reconhecimento incidia nos personagens envolvidos na rede de ciência formada para a fundação do Jardim Zoológico de Lisboa. Tais nomes estavam presentes nos noticiários da imprensa pelas suas funções, por participarem de comissões científicas diversas, pelos debates nas sociedades de ciência frente ao combate das epidemias de cólera que tomavam as páginas dos jornais. Neste contexto, é plausível que a fundação do Jardim Zoológico de Lisboa assumisse na imprensa uma legitimidade no que tange ao campo científico.

Até mesmo o jornal O Zoophilo, criado e produzido pela Sociedade Protectora dos Animais, publicou uma extensa matéria no dia 26 de junho de 1884, exaltando a iniciativa pelo fato de um jardim zoológico ser uma aquisição importante para qualquer cidade e que em consonância com outros fatores, percebia-se o alcance civilizatório de um país.

Expõe ainda que até ao momento tinha-se “*todo o motivo para regozijo*”, que o público não havia “*cessado de manifestar subito interesse pela nova ideia*” e que um “*Jardim Zoológico é alguma cousa mais do que uma exposição de curiosidades zoologicas. É também uma escola*”. E neste sentido, segue fazendo uma comparação entre os instintos e paixões entre os dois animais, o homem e o animal do zoo. E com relação a isto, faz uma longa explanação do quanto o homem tem a apreender com os animais do Zoo.

Com frequência, para além do lugar de recreio, lazer e diversão, denominações como ‘utilidade’, ‘instrução’ e ‘estudo’, encontravam-se nas notícias dos jornais quando o assunto tratado abordava o Jardim Zoológico de Lisboa, mesmo antes da sua fundação. Nota-se que em diversos contextos, a imprensa difundia que:

*“Têm continuado a affluir subscriptores a esta empreza de utilidade, goso e instrução. A idea foi acolhida com a sympatia que merece (...)”* (Diário de Notícias, 29 de agosto de 1882)

*“Não podemos transcrevel-os por absoluta falta de espaço, mas recommendamol-os aos nossos leitores, por serem de utilidade geral, visto o estabelecimento d’um jardim*

*zoológico em Lisboa ser d'um grande alcance para o estudo das sciencias naturaes.”* (Diário Ilustrado, 25 de outubro de 1883)

*“Realisou-se hoje a inauguração d'este estabelecimento de recreio e de estudo.”* (Jornal da Noite, 28 de maio de 1884)

*“(…) sem dúvida para ficar agradavelmente surpreendido ver a maneira como o nosso público mostra o seu bom senso, vontade de se ilustrar e concorrer com seu obulo para auxiliar e animar as empresas uteis, coadjuvando os beneméritos que, sem auxilio estranho e tendo mais em vista a criação de um jardim zoológico, cuja falta era uma vergonha para esta cidade, do que proventos propios, empreenderam e puderam, felizmente, levar a cabo a instalação de uma instituição civilisadora e altamente instructiva.”* (Diário de Notícias, 6 junho 1884)

*“Passou no dia 28 do último mês o cinquentenário da fundação do Jardim Zoológico de Lisboa, que tão valiosos serviços tem prestado á nossa cultura científica e a toda a população da capital.”* (Diário de Lisboa, 3 de junho de 1934)

*“É hoje, ás 17 horas, que como temos noticiado, se realiza, na Sociedade de Geografia, a sessão solene comemorativa do cinquentenário da fundação do Jardim Zoológico, prestigiosa instituição, á qual, não só o publico da capital mas o País inteiro, muito devem, acima de tudo, no desempenho de uma alta missão educativa que os seus fundadores se impuseram e que têm sido continuada (...)”* (O Século, 28 de maio de 1934)

*“Para os que habitualmente não transpõem os portões do Zoo, a experiência pode não ser fácil. Pode, até ser inibidora, tal é o hábito de confundir o parque das Laranjeiras com um lugar de “bicharada” destinado à “pequenada”, à “criançada” ou à “garotada” – conforme o duvidoso gosto dos habituais relatores de futilidades. Mas pode ser que este centenário venha mostrar – e provar, definitivamente – a todos que visitar o Jardim Zoológico também é um acto de cultura e um exercício adulto – mesmo quando os visitantes são crianças de bibe.”* (Expresso, 26 de maio de 1984)

É interessante notar que a função de entretenimento de massa predominou por muito tempo nos jardins zoológicos (Duarte, 2021). No entanto, o componente de carácter instrutivo e didático, concomitantemente estava presente nas notícias dos jornais em relação ao Jardim Zoológico de Lisboa. Para além do lazer e entretenimento garantidos ao público ao visitar os animais, seus hábitos e local de origem, por exemplo, inculciam assim o componente educativo, ocupando então o outro ‘lugar’ de utilidade que também o Zoo de Lisboa assumia como parte de sua missão.

As reportagens do Público e do Diário de Notícias, ambas do dia 28 de maio de 2009, quando o Jardim Zoológico de Lisboa completava 125 anos, traziam uma outra fase do Zoo, inserido nas mudanças pelas quais todos os jardins zoológicos se passaram a tornar instituições conservacionistas, privilegiando a reprodução e reintrodução de espécies nos seus habitats naturais. Junto a este propósito soma-se ao que, também a imprensa, desde o ano de sua fundação, publicava a seu respeito, a sua dupla utilidade – o entretenimento e a função educativa. A matéria do Diário de Notícias enfatizava a visita do então Presidente da República, Cavaco Silva, que salientou as dificuldades que o Zoo enfrentou no período em que ainda ocupava o cargo de primeiro-ministro e onde esteve envolvido, com sua esposa, numa

campanha “*procurando mobilizar os portugueses e os lisboetas para acarinharem e apoiarem o seu Jardim Zoológico*” e que, no entanto, manifestava sua satisfação no aniversário de 125 anos do Zoo, pelas mudanças feitas no Jardim Zoológico e “*pelo modo como a instituição soube adaptar-se aos novos tempos*”, sublinhando, em particular, “*o papel que tem na educação das crianças.*”

O Público, trazia um pequeno histórico da instituição até o aniversário dos 125 anos, o pós-25 de Abril como sendo um período muito complicado pela falta de verba e desinteresse do governo e que naquele momento, devido ao apoio de empresas e de cidadãos, as instalações do Zoológico haviam sido renovadas e a instituição encontrava-se “*mais voltada para a conservação das espécies selvagens e para a educação, como acontece a nível mundial*”.

Nota-se que a imprensa foi o canal de comunicação do Jardim Zoológico de Lisboa com o grande público e a partir dela, pode-se ter o acesso à produção de ferramentas de divulgação de ciência utilizadas pelo Jardim Zoológico ao longo de sua trajetória como instituição. Segundo Massarani e Moreira (2002), o estudo dos aspectos históricos da divulgação científica é capaz “*de nos elucidar como suas formas variaram no tempo em função dos pressupostos filosóficos sobre a ciência, dos conteúdos científicos envolvidos, da cultura subjacente, dos interesses políticos e econômicos e dos meios disponíveis nos diversos lugares e épocas*” (p.43).

A divulgação científica, como objeto de estudo, encontra-se na literatura com muitas reflexões, resultado de suas próprias práticas. Reis considera que a divulgação científica é um dos meios de contribuir para firmar no público, e de forma peculiar, em suas parcelas dirigentes, o conceito de que a ciência é atividade socialmente tanto necessária, quanto justificável, quer como fonte de aplicações, e que seria desejável que fossem sempre benéficas (Massarani & Dias, 2000).

Segundo João Caraça (1999) a prática científica mostra influenciar de forma decisiva os processos de desenvolvimento e transformação na sociedade, e que é causada pela geração de inovações tecnológicas, que de forma natural afetam o modo de vida tanto da sociedade, quanto do planeta. Outra razão, seria a criação de novos significados e novas representações, que incorporados nas culturas contemporâneas, resultam numa maior diversidade de escolhas na sociedade, o que acaba por condicionar a difusão das inovações na sociedade e por fim, através da criação de ferramentas de análise, permitindo o surgimento de perspectivas e procedimentos mais adequados com relação as questões de sobrevivência no futuro.

O autor expõe que se torna cada vez mais nítido que as atividades científicas têm de ser consideradas com parte inclusa nos fenômenos de natureza cultural mais vasta, que a própria ciência em si é uma parte integrante da cultura. Caraça evidencia a necessidade de divulgar os resultados e demais acontecimentos científicos, assim como torná-los conhecidos do público as opiniões e interrogações dos cientistas e que, a opinião pública, em todas as esferas, não podem estar ausentes das “*grandes questões da ciência, para a ciência, envolvendo a ciência*” (p.688).

Para o físico e divulgador científico Carlos Fiolhais (2012), a Ciência apresenta vários componentes e que não é apenas fazer investigação, pura e aplicada. O autor apresenta que a ciência não é um projeto individual, mas coletivo e que, uma relação entre ciência e sociedade, necessita de ser forte, focada no interesse da sociedade.

Para Fiolhais, com a ciência, a sociedade torna-se mais culta e desta forma consegue-se tornar o mundo mais habitável, mas para que isto ocorra, faz-se necessário que os cientistas

comuniquem sobre seus ofícios, sobre o que fazem e descobrem. Segundo Fiolhais, para além de projetos de investigação e desenvolvimento, é importante um bom ensino e de igual maneira, uma boa divulgação científica, para que cientistas e sociedades, se percebam reciprocamente melhor.

Considera-se que as exposições universais, na segunda metade do século XIX, constituíram uma das formas de mundializar a ciência e a técnica e proporcionar a intensificação das atividades de divulgação (Massarani, 2008; Matos, 2000) e o surgimento das academias e sociedades científicas foram de grande valia neste processo.

Em Portugal, estas instituições surgiram a partir do final do século XVIII apresentando como prioridade “*a divulgação e aplicação de novos conhecimentos científicos e técnicos e a promoção da felicidade das populações pela generalização da instrução*”. Neste período, por exemplo, tem-se a fundação, em 1779, da Academia Real das Ciências de Lisboa, e igualmente, na segunda metade do século XIX, outras sociedades surgiram, como a Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1875, com papel importante para a sociedade portuguesa (Matos, 2000, s.p.). A mesma autora argumenta que a

*“elite económica, científica e política tinha consciência de que o desenvolvimento económico do país dependia em grande parte da introdução de novas tecnologias e processos de fabrico e cultivo das terras. Por essa razão os membros da elite envolveram-se em iniciativas editoriais, publicando jornais e revistas que procuravam atingir um largo estrato da população, e fizeram parte de sociedades, associações e academias que visavam a produção e aplicação de conhecimentos científicos e técnicos e a instrução da população”.*

Tal contexto justifica a rede social de ciência envolvida na fundação do Jardim Zoológico de Lisboa. Segundo Matos (2000), para além da importância do surgimento e função das sociedades, academias e associações, tanto na produção quanto na divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos, também as conferências científicas e pedagógicas, as exposições, os museus, constituíram formas pelas quais se buscou atingir um público mais alargado. Sabe-se que quanto aos veículos de divulgação científica, tem-se cada vez mais diversos formatos de se trabalhar a ciência, transpondo “*a linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com o objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência*” (Bueno, 1985, p.1422), como os manuais, documentários, publicações na imprensa, livros, mídias sociais, entre outros meios.

Com relação às notícias que eram publicadas na imprensa em relação ao Zoo de Lisboa, percebe-se diferentes enfoques, voltado para educação e investigação (manuais, coleção, levantamento de animais, as curiosidades em relação os animais), para o entretenimento (espaço de sociabilidade e de lazer) e comércio (venda de animais e alimentos). Dessa forma, os elementos de divulgação da ciência e suas dimensões encontravam-se presentes e centrados nos componentes educativo e de investigação.

## **2.2 A coleção zoológica e a imprensa**

Os animais começaram a chegar através de doações, porém “*o gróss do mostruário*” pertencia às coleções do médico holandês Van der Laan (Silva, 1945, p. 16). A coleção zoológica foi se formando na ocasião dos trabalhos das comissões para a fundação do Jardim

Zoológico de Lisboa e na preparação dos recintos que iriam receber os animais. Uma notícia de 11 de fevereiro de 1884, do jornal Diário de Notícias trazia que

*“Dadivas importantes de animaes e plantas têm sido feitas à sociedade por pessoas dedicadas, e no parque tivemos ocasião de contemplar alguns raros exemplares d’estas últimas, pois que os animaes estão recolhidos provisoriamente no quintal do sr. dr. Van-der-Laan.”*

Os jornais, muitas vezes, listavam os animais ofertados e seus respectivos doadores. Dentre estes, consta o nome do rei D. Luís *“que despejou o pátio dos Bichos, a esquecida leoneira do paço de Belém”*<sup>9</sup> (Silva, 1945, p. 16), demais membros da realeza, assim como o nome dos médicos Sousa Martins e Manuel Bento de Souza. Também outros subscritores do Zoo de Lisboa e da sociedade lisboeta aparecem nas listas como doadores. No dia 25 de fevereiro de 1884, no Diário de Notícias, constam, por exemplo, as ofertas de

*“Sousa Martins: 1 javali, 2 gangas, 2 cegonhas brancas (uma morreu), 1 macaco de nariz branco, 3 ditas ditas, 2 águias da África, 2 rapozas (sendo que uma foi vendida) e 2 cães da Serra da Estrela, 3 manguços (um morreu), 6 perdizes, 1 corvo, 2 mochos reais, 4 cobras (todas morreram); Manuel Bento de Sousa: 1 linco (que morreu) e 2 milhafres pequenos; D. Luís: 1 casal de ursos, 1 anta, 1 porco-espinho, 2 gangas, 1 aguti, 5 porcos da Índia, 1 pavão, 1 macaco, 1 abutre, 2 aves de rapina, 1 falcão e 1 cici; D. Maria Pia: 2 águias; Condessa de Edla: 2 cacatuas e seu esposo, D. Fernando: 6 patos pequenos do norte, no qual dois morreram.”*

Nesta mesma lista o Museu Zoológico de Lisboa contribuiu com a doação de 17 animais, dentre outras ofertas de outros doadores, sendo que no final, a notícia dá conhecimento do somatório de *“aproximadamente 2:000\$000 réis”* e que as doações *“acham-se em depósito no aviário do dr. Van der Laan, secretario-gerente.”*

Três dias depois, a 29 de fevereiro, o Diário de Notícias apresenta outra lista com mais doações de D. Fernando: 5 porcos-espinhos, 3 gazelas, 3 águias, 1 macaco, 1 casal de cisnes pretos, que não ficariam no depósito sendo a remessa destes animais enviada até à instalação do Jardim e a promessa de D. Luís com zebus e veados. A publicação traz ainda outras doações de animais e a aquisição por parte da direção do Zoo de 1 coati por 8\$000 réis, 1 onça por 36\$000 réis, 1 águia da África por 3\$000 réis, 1 Faisão dourado por 9\$000 réis e 1 macaco no valor de 4\$500 réis, sendo que o coati e a onça não resistiram e morreram meses depois de adquiridos. Por fim, a lista é encerrada com os animais encomendados e neste caso, encontra-se organizada por classificação científica, alguns têm a indicação das famílias e outros, o nome científico, conforme o trecho descrito:

---

<sup>9</sup>O Pátio dos Bichos consistiu num local destinado ao alojamento dos animais, oriundos principalmente dos espaços ultramarinos, para deleite da Corte, situado em Belém. D. João V, a partir de 1726, juntou às residências régias, as quintas e o palácio que o conde de Aveiras possuía em Belém e em parte deste jardim que os animais foram sendo instalados. Em 1755, após o terremoto, D. José I ordenou o abate de animais do Pátio ds Bichos, sendo retomado o envio de animais após o período mais complicado. O Pátio dos Bichos existiu até o ano de 1884, quando o Jardim Zoológico de Lisboa foi fundado (Braga, 2018). Com a implantação da República, o palácio tornou-se residência oficial do Presidente da República e o local onde funcionou o Patio dos Bichos, assim como outras dependências, pode ser visitado. Informações sobre visitas ao Palácio Nacional de Belém encontram-se no sítio <https://www.museu.presidencia.pt/pt/visitar/palacio-nacional-de-belem/>

“Os animaes encomendados por em quanto são:  
Mamíferos  
Dos marsupiaes alguns exemplares das famílias:  
Halmaturidios (Kanguroos)  
e Didelphidios (Sarigãs)  
Dos placentários, dos Desdentados, indivíduos das famílias:  
Bradypodidios (Preguiças)  
Dasypodidios (Tatus)  
dos Artyodactylus ruminantes:  
Camelopardalis gira, Gm. (Girafa)  
(...)  
dos Pennipedes  
a Callocephalus vitulina, L. (Phoca) um casal dos Carnívoros  
o Ursus arctos, L. (Urso commum)  
o Felix pardus, L. (Leopardo)  
o Felix Leo, L. (Leão) casal ”<sup>10</sup>

As publicações com os animais encaminhados ao Jardim Zoológico continuaram mesmo após a sua fundação, uma vez que ao relatar sua visita no dia da abertura do Zoo, o Jornal da Noite apresenta uma matéria extensa e nela, elenca os 10 recintos mais notáveis, comentando os espaços e os respectivos animais alocados, dando a conhecer que alguns não estavam completamente acabados como o oitavo recinto “O ‘dos gallinaceos’, ainda um pouco em desordem, pelo facto de não ter havido tempo de construir repartições especiaes para cada variedade”. Mais adiante coloca que “*não fallamos dos carnivoros, porque dos respectivos alojamentos um está ainda pouco povoado, por estarem incompletas algumas gaiolas, e o outro está mesmo tão atrazado, que nem provisoriamente poderia alojar leões, tigres, pantheras, etc.*” e que os animais “*só chegarão a Lisboa quando no jardim possam encontrar acomodação condigna d’elles... e da segurança publica*”. Desta forma, ao longo do ano de 1884, ofertas e doadores e, em determinadas notícias, o local de partida dos bichos, tiveram seus registos na imprensa e nos diversos jornais analisados

“*Chegaram hoje em numero avultado os animaes que se esperavam para o jardim zoológico, e que vieram perfeitamente acondicionados, sem que houvesse a lamentar mais do que a perda d’um kangurú, que morreu no caminho.*

*Chegaram no vapor S. Paul, que saiu de Anvers no dia 30, como tínhamos annuciado opportunamente.*

*Vinham em 30 gaiolas e constavam d’uma collecção curios de girafas, bufalos, ursos, kangurús, gansos, papagios, cysnes, e outras aves.*” (Jornal do Comércio, 10 de maio de 1884)

“*O Índia trouxe de varios pontos da nossa Africa interessantes animaes para o Jardim: uma hyena bastante feroz, um macacão drill, uma enorme cobra, tartarugas, pequenos*

<sup>10</sup>Nomenclatura atualizada: Para Halmaturidios família aceita Macropodidae; para Didelphidios (sarigãs) família Didelphidae (gambá); para Camelopardalis gira, Gm. (Girafa) nome aceito *Giraffa camelopardalis* (Linnaeus, 1758); para Callocephalus vitulina, L. nome aceito: *Phoca vitulina* Linnaeus, 1758; para *Ursus arctos*, L. (urso-pardo); para *Felix pardus*, L. (Leopardo) sinónimo *Felis pardus*, L nome aceito *Panthera pardus* (Linnaeus, 1758); para *Felix Leo*, L. (Leão) sinónimo *Felis leo* L. nome aceito *Panther leo* (Linnaeus, 1758). Dados verificados no Sistema Global de Informação sobre Biodiversidade – GBIF, disponível em <https://www.gbif.org>

*carnívoros, etc. logo que se completarem os respectivos recintos serão estes animais expostos ao público.*” (Jornal do Comércio, 8 de junho de 1884)

*“Recebeu ultimamente mais os seguintes donativos: 3 marabás, 1 oferecido pelo sr. Mariano de Carvalho, e 2 pelo sr. Ferreira do Amaral, governador de Angola; 1 onça; 2 ouriços e 1 furão, oferta do sr. Vicente de Sousa; 1 onça do museu zoológico; 1 ouriço do sr. Manuel Dias; 1 vacca da ilha, do sr. Bensaude; 1 porco da Índia, da sr<sup>a</sup> D. Maria de Jesus; e uma tartaruga d’um anonymo.”* (Jornal do Comércio, 9 de setembro de 1884)

*“A direção do parque de aclimação recebeu os seguintes donativos:*

*Do sr. D. Luiz, um furão; do sr. Joaquim A. Gomes R. Junior, uma macaca; de uma anonyma, um milhafre; do sr. visconde de Chancelleiros, uma corça; da sr<sup>a</sup> D. Joana Avellar, duas vaccas, um boi, um vitello e tres esquilos; do almoxarifado do Alfeite, um furão; do sr. Sousa Lara, uma gazella; do sr. Caetano de Magalhães, uma cadella de quatro olhos: de um anonymo um ouriço; do sr. Francisco Luzes, uma tartaruga, do sr. Joaquim R. de Mira, um cão perdigueiro; do sr. José S. Ferreira Machado, um macaco; do sr. Joaquim Palhares Araujo, uma ganga, do sr. Filippe de Miranda, dois milhafres; do sr. Vicente de Sousa, um mocho; do sr. José Simões Ferreira Machado, um macaco; do almoxarifado do Alfeite, um ouriço; de um anonymo, um ouriço.”* (O Século, 4 de outubro de 1884)

*“O Jardim Zoologico vae ser enriquecido com dois tigres, que o sr. infante D. Augusto mandou vir da India, para oferecer áquelle estabelecimento.”* (Diário Ilustrado, 5 de dezembro de 1884)

*“Recebeu ultimamente este jardim os seguintes donativos do sr. Carlos Maria dos Santos, um jacaré; do sr. Joaquim Nunes Coelho, um macaco; do sr. Fernando Rodrigues, um cabrito; do sr. Jacinto Antonio de Sousa, um Kagado; do sr. Joaquim Vaz Pinheiro, tres rapozas. A direção agradece e espera continuar a receber donativos que poderão ser enviados para o parque se S. Sebastião da Pedreira.”* (Diário de Notícias, 11 de maio de 1885)

Desta forma, pode-se perceber que os animais iam chegando para compor a coleção inicial do Jardim Zoológico de Lisboa – sendo as doações muito recorrentes no ano da sua fundação. Interessante notar que na publicação de algumas listas de doações de animais e também ao se referir a algum grupo destes, observa-se que a nomenclatura científica se encontrava presente. Uma publicação do Jornal do Comércio do dia 13 de setembro de 1884, divulgava *“a feitura de um catalogo completo e explicativo das procedencias, costumes, etc, dos animais que figuramno Jardim”* e que em pouco tempo *“todas as gaiolas e demais recintos serão completados com as denominações vulgar e scientifica dos animais, que encerram”*.

Em seguida, no dia 14 de setembro o mesmo jornal apresentava a catalogação e identificação das espécies da coleção zoológica realizada pelo professor Fernando Matoso Santos<sup>11</sup>, contendo a quantidade de mamíferos, aves e répteis, acreditando-se desta forma que as

---

<sup>11</sup>Matoso Santos (1849-1921) formou-se em Filosofia e Medicina pela Universidade de Coimbra, em 1874, ocupando cargos diversos em instituições distintas além do Jardim Zoológico de Lisboa. Exerceu a medicina num distrito de Santarém até tornar-se professor da cadeira de Zoologia e Anatomia Comparada da Escola Politécnica de Lisboa (1880). Também foi professor do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa e assumiu a presidência da Associação Industrial Portuguesa em 1892-93. No período de 1907 a 1921, foi diretor do Museu Bocage. Na política, filiou-se ao

possíveis informações acerca da classificação dos animais, por vezes dando a conhecer o nome científico da espécie, família ou grupo, sejam provenientes da consulta a este catálogo. Dois dias depois, em 16 de setembro, o Diário de Notícias também fez uma publicação a respeito da catalogação dos animais pelo “erudito professor de zoologia, o sr. dr. Mattoso Santos”. Conhecido como Matoso Santos, “o médico, o naturalista, o financeiro, o frequentador curioso de todas as escolas, ou literárias ou filosóficas” foi vogal da direção do Jardim Zoológico de Lisboa (Silva, 1945, p.15) substituindo, a convite da direção, o médico holandês Van-der-Laan no cargo de secretário-gerente, ainda no mesmo ano da fundação da Sociedade (Jornal do Comércio, 25 de setembro de 1884).

*“Devido ao trabalho do erudito professor de zoologia o sr. dr. Mattoso Santos, que elaborou um catalogo e classificação dos animaes existentes no parque de S. Sebastião da Pedreira, conhece-se que a collecção do Jardim Zoologico contem os seguintes numeros dos differentes grupos:*

*Mamiferos .....341  
Aves .....1:141  
Reptis.....123*

*Isto na verdade representa uma collecção digna de qualquer Jardim Zoologico e serve para um estudo serio.”* (Jornal do Comércio, 14 de setembro de 1884)

Outra observação em relação a algumas publicações, trata-se da morte de alguns exemplares e, neste sentido, o “comércio, o transporte e a manutenção de animais em cativeiro, por sua vez, causaram imenso sofrimento aos indivíduos mantidos em gaiolas ao redor do mundo” e também acabaram por alimentar uma “perseguição implacável de diversas populações em seus habitats” (Duarte, 2021, p. 181). Tal questão é pertinente, uma vez que deslocados dos seus ambientes naturais, esses animais necessitariam de experiência profissional veterinária e biológica sobre suas dietas alimentares, dos seus hábitos sociais e doenças, evitando assim um manejo inadequado da fauna silvestre, que à época, carecia deste conhecimento (Duarte, 2021).

Prestes a completar seu centenário, a matéria “Cem anos ao serviço de Lisboa” publicada no Diário de Notícias do dia 27 de maio aponta a dificuldade para se ter novas espécies no Zoo após suas antigas colônias tornarem-se independentes, uma vez que estavam voltadas em suas questões enquanto “novas nações que são” e não terem tempo ou disponibilidade para se preocupar com a caça de animais, mas que ainda assim, os administradores do Jardim Zoológico de Lisboa não deixavam de estar em contato com os representantes daqueles novos países de expressão portuguesa (Cordeiro, 1984). Numa publicação do jornal Expresso, o presidente do Concelho de Administração do Zoo de Lisboa à época, Pedro Holstein Beck, recorda que “os animais vinham todos de África em quantidades industriais” e que o que valia naquele momento, seria a reprodução das espécies no Jardim (Pacheco, 1984).

Não sem razão que, com o avançar do tempo, percebe-se uma preocupação e uma fala mais criteriosa com relação aos animais nas publicações referente aos cem anos do Jardim Zoológico de Lisboa. Uma mudança no enfoque destas instituições já despontava pelo

---

Partido Progressista, sendo eleito deputado em 1887 e ocupando cargos e missões de destaque (Saldanha, 2014). Encontram-se publicações dos seus estudos em zoologia no Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes da Academia Real das Sciencias de Lisboa e podem ser consultados em <https://www.biodiversitylibrary.org/>

surgimento de entidades voltadas para a conservação da natureza, direito e bem-estar animal, como por exemplo, a Associação Mundial de Zoológicos e Aquários (WAZA)<sup>12</sup> e a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), dentre outras instituições como a Associação Europeia de Zoológicos e Aquários (EAZA) e a Associação Portuguesa de Zoológicos e Aquários (APZA)<sup>13</sup> no qual o Jardim Zoológico de Lisboa faz parte como membro.

Mais adiante, na mesma matéria do dia 27 de maio de 1984 do Diário de Notícias, o funcionário Sena Ribeiro, que trabalhou por anos no Jardim, ao contar histórias sobre os animais, chamou a atenção para os diversos incidentes com determinados visitantes, envolvendo, certa vez, um elefante já falecido, o Benjamim, que foi embriagado e acabou por apresentar “*distúrbios desagradáveis, que até podiam ter tido consequências mais graves*”. Sena recorda também que, principalmente os macacos, são provocados de várias formas ou “*sendo picados com os chapéus-de-chuva*” e que, esta condição em relação aos animais, era a que mais preocupava (Cordeiro, 1984).

É notório que a aproximação com os humanos pelo fato de se poder alimentar os animais geraram estes transtornos. Numa consulta ao arquivo do Museu Nacional de História Natural, França, Baratay (2009) coloca que se têm registos de violência em alguns zoológicos do Antigo Regime aos quais o público tinha acesso e que, por isso, os professores do Museu Nacional de História Natural, desde os primeiros projetos de construção do *Jardin des Plantes*, tiveram o cuidado para se evitarem envenenamentos. O autor comenta ainda que, com a democratização dos jardins zoológicos, essa violência pareceu aumentar, estando associada a um público mais modesto, habituado à violência nas relações sociais e à brutalidade com os animais (Baratay, 2009 citando M. Milne-Edwards, 1891).

A concepção do discurso da conservação das espécies, tendo papel importante para isso, as associações e organizações citadas anteriormente, foram dando outro contorno à missão dos jardins zoológicos, sendo estabelecidas novas regras e medidas com relação a esta proximidade com o público. Se pela imprensa era possível conhecer a coleção zoológica que se formava, percebe-se também as mudanças ao concebê-la ao longo da trajetória do Jardim, como por exemplo, a permuta de animais e a reprodução interna dos mesmos, assim como o que dela se extraía, resultado de estudos acerca da mesma, como a produção de um catálogo e demais produções.

Em 2009, pode-se perceber essa mudança de perspectiva, com a publicação do jornal Público sobre os 125 anos do Jardim Zoológico, ao considerar o Zoo uma “*instituição mais*

---

<sup>12</sup>A WAZA (*World Association of Zoos and Aquariums*) constitui numa “aliança global de associações regionais, federações nacionais, zoológicos e aquários, dedicada ao cuidado e conservação de animais e seus habitats em todo o mundo”, sendo composta por cerca de 400 instituições e organizações líderes espalhadas pelo mundo inteiro (WAZA, s.d.). Teve origem a partir da *International Union of Directors of Zoological Gardens* (IUDZG), com fundação na Suíça, em 1935. Após a Segunda Guerra Mundial, a organização foi reconstituída em Rotterdan no ano de 1946, mudando de nome, em 1992, para *World Zoo Organization* (WZO) e por fim, em 2000 passou a denominação de WAZA, com seu estatuto revisado. Foi membro da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) em 1948, na França (Penn et al., 2012).

<sup>13</sup>A EAZA (*European Association of Zoos and Aquaria*), foi formada em 1992 e tem como propósito facilitar a cooperação dentro da comunidade europeia, de zoológicos e aquários para os objetivos de educação, pesquisa científica e conservação da biodiversidade (EAZA, s.d.). A APZA, fundada em 2006, tem como objetivo promover a colaboração entre Zoológicos e Aquários de Portugal. É formada por cinco (Aquário Vasco da Gama, Grupo Lobo, Jardim Zoológico de Lisboa, Oceanário de Lisboa e Zoo Santo Inácio), das principais instituições do país, que tem como propósito a missão de contribuir para a conservação da natureza e da biodiversidade. Representa nacional e internacionalmente estas cinco instituições (APZA, s.d.).

*voltada para a conservação das espécies selvagens e para a educação, como acontece a nível mundial”.*

### **2.3 A imprensa, o público e o Jardim Zoológico de Lisboa**

Desde a fundação do Jardim Zoológico, e durante todo o ano de 1884 a imprensa tratou de publicar os números de entradas pagas no Jardim. Dessa maneira, fazia-se conhecer a concorrência e sucesso do mesmo. Na verdade, quanto mais se publicava a respeito do Zoo, mais o público estaria ávido por conhecê-lo, numa espécie de retroalimentação.

Nesta perspectiva, uma combinação de lugar de entretenimento, sociabilidade e comércio fazia-se presente, observando-se a prevalência dos dois primeiros. O público procurava divertimento com a vida selvagem, com uma iniciativa que começou a ocupar espaço na imprensa no ano de 1882 e, dada a magnitude do acontecimento, seria natural a grande procura em visitar o Jardim Zoológico. Segundo o Diário de Notícias do dia 15 de julho e do dia 22 de novembro do ano de 1884 e, do dia 29 de maio de 1984:

*“O facto, constituiu acontecimento extraordinário no velho burgo, tendo o novo centro de atrações sido visitado, no primeiro ano, por 169 143 pessoas.”*

*“Apesar da extraordinária concorrência ante-hontem na Tapada da Ajuda, por causa do concurso das philarmonicas, da tourada, do bailão, do arraial em Belem. etc; apesar de tantas diversões, no jardim zoológico, incluindo as famílias dos socios, entraram aproximadamente 4:000 pessoas.”*

*“As entradas pagas até 19 d’este mez elevam-se já a 12:000, e principalmente nos dias santificados a concorrência é realmente notavel, sendo no domingo ultimo superior a 2:500 pessoas.”*

E neste aspecto, para determinada parcela da sociedade lisboeta, o Jardim Zoológico de Lisboa, passou a ser então um espaço de convívio. Noticiavam-se os passeios e os longos tempos da família real no Zoo, como de outras autoridades.

Como esperado, no início, tudo era novidade. Os animais iam chegando ao Jardim Zoológicos e a coleção de exemplares zoológicos aumentando. A atração principal do Jardim, de forma evidente, encontra-se depositada nas coleções vivas e, se a imprensa noticiava a chegada dos animais ao parque, os serviços oferecidos pelo Zoo também tinham seu espaço. Desta forma, diversas atrações tomaram a imprensa de forma a atrair os visitantes ao longo da trajetória do Jardim Zoológico de Lisboa. Até porque, estas atrações, tornam-se convites para o retorno do público ao parque e, conseqüentemente o aumento da receita. Com inauguração também no dia 28 de maio de 1884, o restaurante foi bem valorizado, o Diário de Notícias publicou na seção Folhetim sobre os jantares no Jardim Zoológico. No jornal Diário Ilustrado, o restaurante ganhou mais destaque do que a abertura do próprio Zoo.

*“É na próxima quarta feira a inauguração d’este magnifico estabelecimento que tantas atenções deve despertar no nosso publico.*

*O restaurant está esplendidamente servido, tendo como mestre de cozinha o muito afamado chefe Nuno Alvarenga, um dos primeiros do seu genero.*

*N’este restaurant encontrar se-hão almoços, lunchs, jantares e um profuso serviço de lista, tudo pelos preços correntes dos estabelecimentos de Lisboa.*

*Haverá profusão de creados, para que o serviço seja feito com a máxima presteza, e as loiças e todos os acessórios vieram do estrangeiro e são elegantíssimas.”*

Quanto às atrações, viu-se exibições musicais, exposição de flores e plantas ornamentais, exposições caninas, experimentos de aviação, exibições de um casal de andarilhos italianos e, destinado às crianças.

O Diário de Notícias do dia 30 de maio de 1909, divulgava

*“baloços, passeios em camello, jumento e tricyclo, charrete puxada por poney e carrinho por carneiro”*

Em se tratando de público, no ano do cinquentenário (1934), o jornal Diário de Notícias destaca a importância da contribuição para manter o Jardim Zoológico de Lisboa e noticia que a Comissão Executiva do Jardim, havia encaminhado duas circulares, sendo uma delas endereçada a um público específico; aos *“Pais dos Visitantes Pequenos”*, solicitando *“por cada um dos seus filhos, e em lembrança do que o Jardim Zoológico de Lisboa representou, ou representa, para eles”*, que enviassem à direção qualquer doação.

Por outro lado, para o ano do centenário (1984), o jornal Expresso divulgava outros meios na tentativa de aumentar a receita, como a publicidade das marcas junto as placas de informação dos exemplares zoológicos e circuito de vídeo com exibição de programas sobre animais, por exemplo.

Para chegar ao Jardim Zoológico de Lisboa, o público também encontrava informações ocasionalmente na imprensa sobre o transporte, com horários e pontos de saída da cidade até o Zoo.

Em particular, no ano de 1884, o comércio também não ficou de lado, os visitantes poderiam adquirir leite, ovos, animais e plantas, além dos alimentos que poderiam ser ofertados aos animais, como por exemplo, amendoins e bananas que, segundo o Diário Ilustrado (1884), viu-se próximo da barraca de venda de comida para animais, *“algumas pessoas comendo bananas com todo o gosto”*.

Nas notícias dos jornais, encontram-se registos da divulgação de materiais que o público poderia adquirir no Jardim Zoológico de Lisboa, como por exemplo, o Guia-roteiro do ano de 1884, assim como outras publicações, referentes às outras datas, com o intuito de auxiliar nas visitas do Jardim Zoológico e também para elemento de consulta sobre o mesmo.

## **2.4 Os guias-roteiros, o almanaque, a revista e a banda-desenhada**

O lugar de ciência e de estudo que o Jardim Zoológico pode proporcionar numa visita pela observação dos animais, teve lugar também nas suas publicações. A imprensa anunciava já no ano da sua fundação, em 1884, a produção de um catálogo pelo professor e zoólogo Fernando Matoso Santos e posteriormente, passou a divulgar o almanaque do Jardim Zoológico de Lisboa para o ano de 1885.

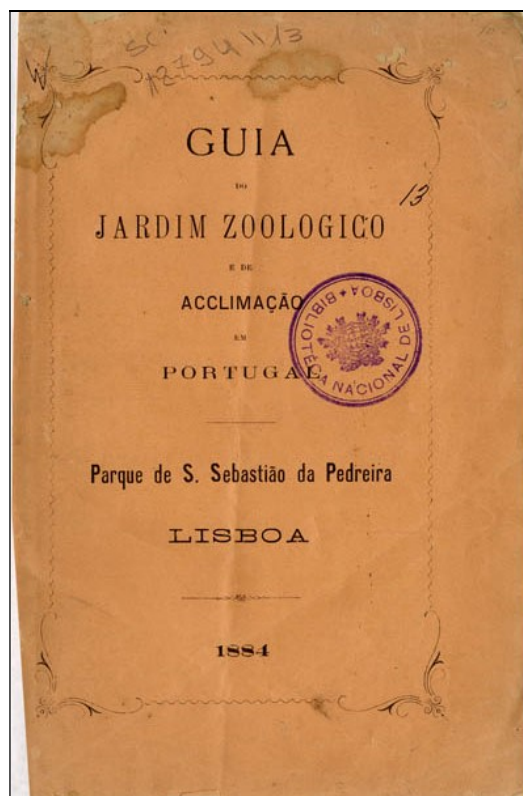
O Jornal do Comércio, no dia 27 de junho de 1884, noticiava que a direção do Jardim Zoológico de Lisboa tencionava

*“fazer ao Lyceu Central e Escola Polytechnica concessão igual á que ha dias dispensou ao collegio militar: entrada gratuita para os alumnos matriculados nas cadeiras de historia natural”*

Desde logo, nota-se desta forma, a percepção do apoio ao conhecimento científico que o Zoo de Lisboa poderia ocupar no ensino das ciências naturais. Essa circunstância torna-se compreensível, pelo fato de que, muitos dos personagens envolvidos na fundação do Jardim, faziam parte de uma rede de ciência na qual, em algum momento profissional, lecionavam cadeiras de zoologia em locais como a Escola Politécnica de Lisboa. Como forma de oferecer suporte aos visitantes, o material produzido pelo Jardim Zoológico de Lisboa ganhava, representação e registo no formato impresso, inicialmente, através do guia-roteiro e do Almanaque, ambos produzidos no ano de 1884. Mais adiante, outras publicações produzidas pelo Jardim Zoológico surgiram e, de igual maneira, a imprensa novamente tratou de noticiar ao grande público, sendo que, algumas destas obras, foram veiculadas e puderam também ser adquiridas no ato da compra do próprio jornal.

É importante compreender que materiais como estes, produzidos quer seja em jardins zoológicos, jardins botânicos ou mesmo em museus, por exemplo, acabaram por caracterizar uma fonte documental histórica destas instituições, com informações pertinentes para investigações a diversos campos de saber. Seus conteúdos podem revelar momentos distintos da trajetória da instituição, uma vez que podem ser produzidos ou atualizados muito em função da organização física, das espécies que compõe a coleção viva, das diretrizes de quem está à frente destes espaços, entre outras variáveis.

O primeiro Guia do Jardim Zoológico foi produzido em 1884 e apresentava 21cm de tamanho e 13 páginas (Figura 2.1). Logo a seguir da capa e página de rosto, o Guia apresentava as orientações para visitar o Zoo, sob a denominação de “Instruções provisórias”, devidamente numeradas e que continham: o horário de funcionamento do parque e como seria anunciado o horário de saída do público – “dous toques de sineta com intervallo de um quarto de hora” (p.3), o preço de entrada para o Parque, a quem se destinava o pagamento da meia-entrada e entrada gratuita, os bilhetes com seus valores específicos destinados aos acionistas, assinantes e aos “estrangeiros ou a quaesquer outras pessoas de passagem por Lisboa, podem ser concedidos bilhetes validos por um mez” (p.4).



**Figura 2.1** Capa do primeiro Guia do Jardim Zoológico de Lisboa.

As instruções de número 4 e 5 eram destinadas aos alunos das escolas municipais, colégios ou institutos de instrução gratuita e outras classes e remetiam aos artigos 2 e 3 “*dos Estatutos*”, informando o dia da gratuidade e da metade do preço, a quem deveriam ser solicitada as entradas e como os alunos deveriam se comportar.

A nona instrução (p.5) encontra-se com as palavras em destaque e refere-se diretamente à má conduta dentro do parque

***“9.<sup>a</sup> – É expressamente proibido excitar ou por qualquer forma molestar os animaes; colher ou danificar plantas, flores ou fructos; prejudicar os edificios ou construcções de qualquer natureza, etc. Os contraventores de qualquer d’estas disposições serão mandados sahir immediatamente do jardim sem prejuizo de qualquer ulterior procedimento judicial, que o caso reclame.”***

A 11<sup>a</sup> e última instrução, trata das doações, compras e vendas de animais, indicando o endereço e os procedimentos que poderiam ser feitos para tal finalidade. A página seguinte, designada “Observações” (p.6), dá instruções do percurso da visita com o auxílio da planta (dobrável, colorida), os animais que poderiam ser alimentados pelos visitantes, a barraca para a venda “apropriada ao alimento dos animaes e aves” e novamente

***“Pede-se encarecidamente ao publico para não excitar ou molestar os animaes, nem os prejudicar por qualquer forma, e toda a sua atenção no exacto cumprimento das prescripções d’estas instrucções.”***

Em seguida, na página 7 do Guia, segue a lista numerada dos recintos, jaulas e gaiolas, com a indicação, em asterisco, dos animais que se poderiam alimentar (Figura 2.2). Desperta a atenção nesta lista, o fato de nenhum animal apresentar o nome científico agregado, destoando

de determinadas publicações dos jornais. Por fim, o Guia reforça os horários do Jardim Zoológico, cita alguns exemplares de animais disponíveis para venda, o restaurante do Zoo, apresenta a planta do recinto (Figura 2.3) e a disponibilidade em receber anúncios pagos que poderiam ser ali divulgados.

7

**Lista dos diferentes recintos, jaulas e gaiolas com a sua respectiva numeração indicando os diversos animais, que n'ellas se contém, servindo de guia ao visitante do parque.**

1. Kangurus.	30. Anta.
2. Gangas. (*)	31. Avestruzes. (*)
3. Pavões. (*)	32. Texugos.
4. Veado porcino. (*)	33. Perdizes e codornizes.
5. Aviario, rolas e passaros exóticos.	34. Alcedo gigantea.
6. Lago dos cysnes pretos. (*)	35. Tucanos.
7. Agutis, (lebre dourada do Paraguay.)	36. Ursos. (*)
8. Venda de comida para os animais.	37. Macacos. (*)
9. Porcos-espinhos.	38. Turacos.
10. Aves de rapina diurnas.	39. Esquitos.
11. Lago dos cysnes de pescoço preto. (*)	40. Pombos coroados.
12. Cabras. (*)	41. Lago grande, cysnes, gansos, patos. (*)
13. Ovelhas. (*)	42. Restaurant.
14. Gazellas.	43. Patosegansos ornamentaes. (*)
15. Antilopes.	44. Ponte.
16. Corças.	45. Feras.
17. Lontras.	46. Ponte.
18. Lobos.	47. Carnivoros pequenos.
19. Javalis e porcos. (*)	48. Ponte.
20. Veados. (*)	49. Ruminantes. (*)
21. Gamos. (*)	50. Aves de rapina nocturnas. (*)
22. Rennas. (*)	51. Canil. (*)
23. Aviario. (*)	52. Canil. (*)
24. Porquinhos da India. (*)	53. Coelheira. (*)
25. Pombal.	54. Lago das Pernaltas.
26. Gallinheiro. (*)	55. Casa do jardineiro.
27. Aves trepadoras, (periquitos e papagaios).	56. Saguins. (*)
28. Pombos Nicobar.	M. Marco fontemario.
29. Camellos. (*)	R. Retrete para homens.
	T. Toilette das senhoras.
	U. Urinões.

Figura 2.2 Lista dos animais com a indicação numérica dos recintos, jaulas e gaiolas



Figura 2.3 Mapa indicando o percurso (tracçado em preto) e a numeração das instalações.

Nota-se que o Guia é simples, bem conciso e de fácil manuseio. Os visitantes poderiam ter de adquiri-lo pois, segundo o Diário Ilustrado do dia 29 de maio, estaria à venda na bilheteria por “100 réis uma guia no jardim zoológico e de aclimação”. Parte do Guia foi divulgado no Diário de Notícias de 29 de maio – mais precisamente a lista com os animais quando o jornal fez uma publicação sobre a inauguração do Jardim.

#### 2.4.1 O Almanaque do Jardim Zoológico de Lisboa

Após a abertura do Zoo, a imprensa passou a divulgar o lançamento do almanaque do Jardim Zoológico de Lisboa. A 7 de outubro de 1884, o Diário de Notícias revela a “grande procura” e que “*continua á venda em todas as livrarias o interessante almanach O Jardim Zoológico, a que já nos referimos n’um dos numeros passados d’este jornal*”.

Diversos autores procuraram definir o que seria um almanaque, até mesmo na literatura, com os escritores Machado de Assis, na publicação ‘Como se Inventaram os Almanagues’ e, Eça de Queiroz, em ‘Notas Contemporâneas’, em que ambos tratam da passagem do tempo. Segundo Correia e Guerreiro (1986) o almanaque seria uma prática importada para o Ocidente, específica e aculturada, que em determinadas cortes orientais os astrólogos tinham o hábito de presentear os soberanos no início de cada ano e que a preocupação principal estava ligada ao oferecimento das ocorrências cronológicas. Os autores comentam ainda que os almanagues existiam na forma manuscrita e que com o surgimento da imprensa, ocorreu uma difusão e um aumento da aceitação por vastos públicos e variados receptores. Para Chartier (1999, p.15), o almanaque consiste num livro destinado a todos e que todos, até mesmo aqueles com pouco ou nenhum letramento podem “ler”. O autor apresenta que, mesmo antes, do século XVIII, o almanaque

*“é um gênero ao mesmo tempo literário e editorial utilizado para difundir textos de natureza extremamente diferente. Daí o sucesso perpetuado de um livro que pode ser, ao mesmo tempo, útil e prazeroso, didático e de devoção, tradicional e “esclarecido”. Essa diversidade organiza a tipologia das obras, dos simples calendários, que indicam os santos de cada dia e as fases da lua, até aos almanagues poéticos ou enciclopédicos.”*

Os almanagues impressos surgiram na Europa no século XV e, em Portugal, tem-se conhecimento, como sendo o primeiro, do Almanach Perpetuum de Abraão Zacuto, impresso em Leiria, no ano de 1496 (Correia e Guerreiro, 1986).<sup>14</sup> Na primeira metade do século XIX as elevadas taxas de analfabetismo ainda perduravam em Portugal e a tentativa de se fazer chegar “conhecimentos úteis e alguma informação científica redigida numa linguagem acessível” a um maior número de pessoas fez com que Filipe Folque, Fradesso da Silveira e Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa, entre 1848 e 1851, publicassem Os Almanagues Populares. Estes tinham tiragem de 6.000 exemplares, com preço de 160 réis e possuíam um mercado assegurado (Matos, 2000). A autora expõe que mesmo com as reformas do ensino, a taxa de analfabetos não sofreu muitas mudanças, porém fatores de ordem económica e cultural modificaram o mercado livreiro observando-se um aumento do consumo de livros, revistas e jornais.

---

<sup>14</sup>O Almanach Perpetuum de Abraão Zacuto encontra-se disponível para consulta na Biblioteca Nacional Digital, no link <https://purl.pt/22001>.

Alguns almanaques perduraram e mantêm ainda atualmente a sua publicação, como é o caso do Borda D'Água - repertório útil a toda gente, produzido desde 1929 pela Editora Minerva, com tiragem inicial máxima de 30.000 exemplares (Minerva, s.d.) e o Almanaque Bertrand, produzido pela livraria com o mesmo nome, publicado de 1900 a 1971 e regressando 40 anos mais tarde, em 2011, e que no primeiro ano teve uma tiragem de 5.000 exemplares, tendo a edição esgotado (Bertrand, 1902).

Geralmente impresso em tamanhos menores e, em papel de qualidade mais baixa em razão do seu menor custo, os almanaques também se apresentaram com diferentes equivalências, como calendário, anuários, prognóstico, calendários lunares, guias, agenda, entre outros (Botrel, 2006). Os diversos modos de grafia que se observam para o termo Almanaque advêm de escritas de origem no árabe, como almanakh; no baixo latim, almanachus; ou no latim medieval, alamanachus, por exemplo (Correia e Guerreiro, 1986 citando Nascentes, 1955).

Com a profusão dos almanaques na segunda metade do século XIX e com a fundação do Zoo em 1884, é produzido O Jardim Zoológico - Almanach para o ano de 1885. A folha de rosto indica que o Almanach poderia ser adquirido pelo valor de 200 réis e continha trinta ilustrações, com a descrição, a vida e os costumes dos animais existentes no Jardim Zoológico de Lisboa (Figura 2.4).

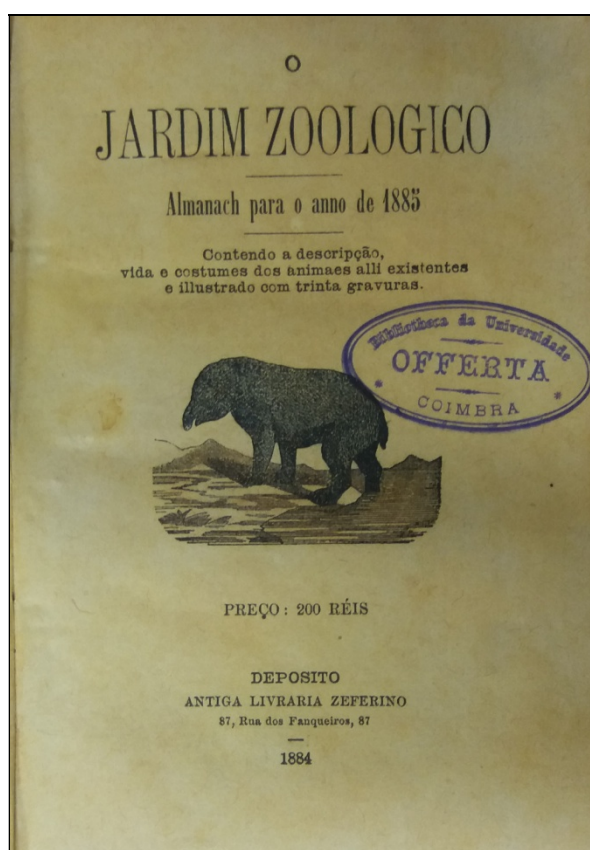


Figura 2.4 Folha de rosto.

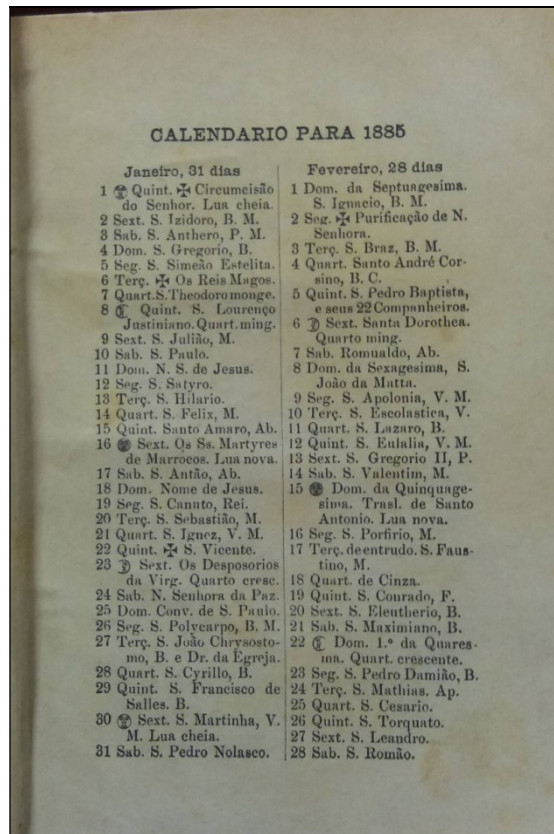


Figura 2.5 Calendário com os santos de cada dia do mês e as fases da lua

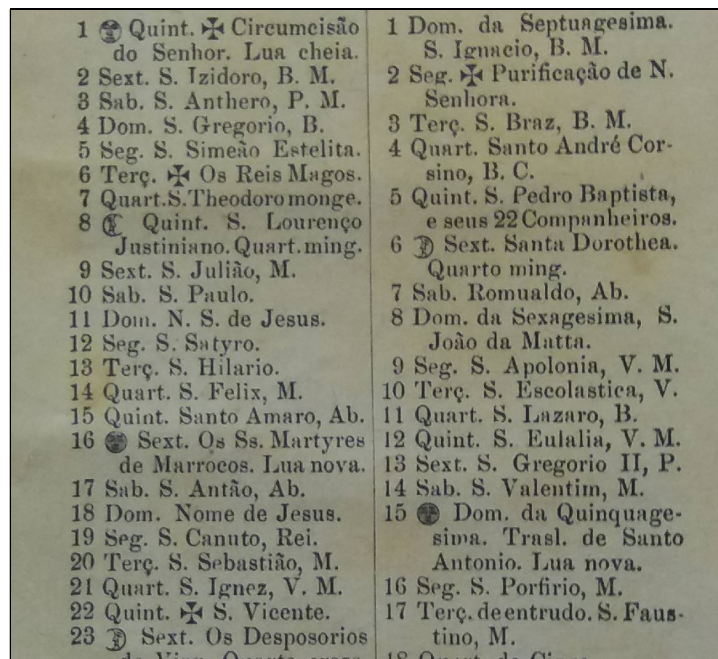


Figura 2.6 Detalhe do calendário.

A seguir ao calendário (Figuras 2.5 e 2.6), encontram-se respectivamente: a relação dos postos médicos de Lisboa – com endereço, horário de atendimento e valor da consulta; a Lei do Selo – com os respectivos valores; o Telégrafo – com as taxas e estações; os sinais de incêndio em Lisboa; quatro tabelas da Companhia Real dos Caminhos de Ferro fornecendo os percursos:

de Lisboa ao Entroncamento, de Lisboa a Badajoz, de Lisboa ao Porto e de Lisboa a Caceres – com indicação da kilometragem, das estações e dos valores das passagens na 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> classe. Deste modo, para além do calendário, dos santos de cada dia segundo a Igreja Católica, das fases da lua, tem-se à disposição os serviços da cidade de Lisboa para serem consultados.

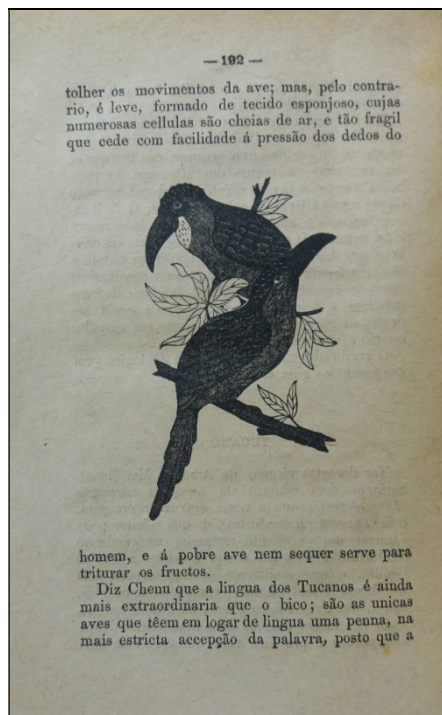
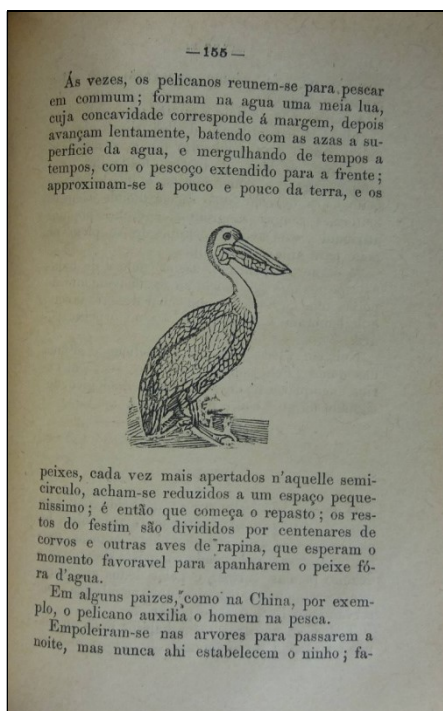
Antes de entrar na literatura sobre os animais, o leitor era apresentado a um breve histórico do Jardim Zoológico de Lisboa, citando seus fundadores – apenas os médicos Van der Laan e Sousa Martins -, o local escolhido para acolher o Zoo, entre outros. Neste histórico, os Jardim Zoológicos de Paris, Londres e Madrid eram também referenciados. Ao final, algumas observações, entre elas, sobre os inscritos do Almanach (p.8)

*“Não pretendêmos escrever uma obra prima nem nos parece que um livro nas condições em que este é feito possa ter tão elevadas aspirações; desejâmos de algum modo sêr util ao leitor, dando-lhe as indicações mais precisas sobre os costumes e vida dos animaes existentes no Jardim Zoologico, pelo menos áquelle que não tenha facilidade de poder profundar esse estudo nos livros especiaes que tratam do assumpto com a largueza que requer.”*

Ao término das observações, têm-se a descrição dos animais com seus “*caracteres, classificação, costumes, hábitos, instinctos, uso, vida, etc. – Historias de caçadas*”. Os animais encontram-se descritos por ordem alfabética. Os textos são curtos - alguns animais têm a descrição em apenas uma página, sendo a maioria de duas a três, poucos possuem quatro páginas e determinadas descrições são acompanhadas de ilustração da espécie em questão. Três ilustrações ocupam uma página inteira, sendo eles a hiena, o porco-espinho e o iaque (Figuras 2.7, 2.8 e 2.9).



**Figura 2.7** Ilustração do iaque ocupando uma página inteira



**Figuras 2.8 e 2.9** Descrições dos animais acompanhadas das suas respectivas ilustrações

O Almanach O Jardim Zoológico era composto por 212 páginas com descrição de 76 animais, na altura da sua produção. No final da seção sobre o Jardim Zoológico, consta “Lisboa, 10 de agosto de 1884” e um esclarecimento (p.8) em relação à coleção zoológica

*“Como a empresa, felizmente, está adquirindo todos os dias novos exemplares, não nos é possível dar este anno a indicação total dos animais existentes no jardim ao tempo em que este livro fôr publicado”*

As páginas seguintes são destinadas as descrições dos animais. Ao final da descrição de cada exemplar, tem-se associação do mesmo no Guia do Jardim Zoológico.

*“Este mamífero encontra-se designado no guia do Jardim Zoológico sob o n.º 30, e o exemplar em exposição foi offerecido pelo sur. D. Luiz I.”*

Quando o animal não tem a representação no Guia, dá-se a localização dele no Jardim, como, por exemplo, após a apresentação da hiena (p.103)

*“É este o animal que se vê no Jardim Zoologico de Lisboa n'uma das divisões do recinto 36, destinado aos ursos; ainda não vem designado no guia do mesmo Jardim”*

Verifica-se que a intenção é apresentar os animais do Jardim Zoológico num aspecto mais leve, mesmo quando se trata da classificação dos animais, que não é omitido para nenhum deles.

*“No meio de tão grande variedade, concordaram os naturalistas em reduzir todas as raças a duas especies, caracterizadas pelo numero das gibas: o camello propriamente dito, que tem duas gibas, chamado camello turco, camello da Bactriana e o dromedario, que tem uma só.”*

*“São conhecidas duas espécies, o coati ruivo, social ou purum e o coati cinzento, ou solitario. Estas duas especies têm uma pela outra singular antipathia. O coati escuro de Buffon ou coati coadje de G. Saint-Hilaire está hoje considerado como uma simples variedade.”*

*“A maior parte dos naturalistas deram a este grupo o nome de solipedes, que só n’estes ultimos tempos foi substituido pelo nome mais simples e sobretudo menos equivoco de equideos, que comprehendem um sógenero, o genero cavallo.”*

Nota-se a referência a diversos naturalistas ou especialistas na escrita de muitos textos, seja na classificação científica, seja nos hábitos dos animais, como por exemplo, nos trechos a seguir sobre a ave conhecida por viúva (p.202), sobre os tucanos (p.192), referindo-se ao naturalista e botânicosueco Carl Peter Thunberg (1743-1828), ao médico e naturalista francês Jean-Charles Chenu (1808-1879), respectivamente, e na descrição do teixugo (p. 188) citando o naturalista francês Buffon (1707-1788).

*“Na época da fecundação, conservam-se empoleiradas nas arvores, e como a cauda as torna pouco ageis, diz Thunberg, que é facil, nos dias de grande vento, apanhal-as á mão, porque a cauda as não deixa voar.”*

*“Diz Chenu que a lingua dos Tucanos é ainda mais extraordinária que o bico; são as unicas aves que têm em logar da lingua uma penna, na mais estricta accepção da palavra, posto que a base dessa penna-lingua seja de substancia cartilaginosa, (...)”*

*“São muito conhecidos os costumes do teixugo e Buffon traçou d’este animal um retrato bastante exacto que nós aqui vamos reproduzir (...)”*

Trata-se de textos com conteúdos científicos apresentados de forma didática, clara e sintética dos exemplares existentes no Jardim Zoológico de Lisboa, tornando a leitura acessível a um público amplo, mesmo nas descrições das características anatómicas das espécies, na qual sabe-se que os termos empregados têm a tendência de ser mais técnicos pela sua própria natureza e, ainda assim, passíveis de compreensão.

*“Aguaia*

*É uma ave de rapina diurna, da familia dos Accipitrideos, que se reconhece pelos seguintes caracteres principaes: Bico comprido e resto na base, comprimido dos lados e curvo na ponta; narinas largas e ellipticas, abertas obliquamente, cauda comprida, em angulo, pernas cobertas de pennas até aos pés, em algumas variedades.”*

As últimas páginas do Almanach O Jardim Zoologico foram destinadas às instruções para a visitação do Parque São Sebastião da Pedreira e que, na sua maioria foram extraídas do Guia do Jardim, acrescentando-se os serviços para deslocação até o Zoo, com horários e valores dos mesmos, a seguir a relação dos recintos, jaulas e gaiolas conforme publicado no Guia, o índice em ordem alfabética dos conteúdos do Almanach e, por fim, alguns anúncios da livraria.

## **2.4.2 Guias práticos**

Sabe-se que o Almanach O Jardim Zoologico para o ano de 1885 estava com muita procura, porém não foram encontrados registos de continuidade de edição para um possível almanaque para o ano de 1886, assim como para anos seguintes, embora se manifeste o desejo de *“se o favor publico nos ajudar, apresentar todos os anos um livro semelhante que iremos*

ampliando, incluindo e descrevendo os animais que durante esses sucessivos lapsos de tempo o jardim fôr adquirindo” (p.8).

Contudo, verificou-se a publicação de guia-roteiro e demais obras, como, por exemplo, guias-práticos, revistas e bandas desenhadas. Percebe-se que alguns destes foram dirigidos para alcançar um público infantil. O Guia-roteiro do ano de 1957 (Figura 2.10), apresenta 27 páginas, inicialmente sob o título Memória Descritiva, trata da conciliação em exibir a fauna exótica com as instalações zoológicas, de modo a que se enquadrem para apresentar um “Parque maravilhoso”. Destaca que muitas atrações se devem às ofertas das províncias de Angola, Moçambique e Guiné, como paraísos de possibilidades para atração no Zoo e enfatiza o gosto do Jardim Zoológico pelo público e poder público, conferindo ao Jardim, em 1913, o título de Instituição de Utilidade Pública e em 1952, a Medalha de Ouro da Cidade e por fim, distribuídos por 26 hectares, apresenta o Jardim por zonas (A, B e C), com tudo que é oferecido aos visitantes.

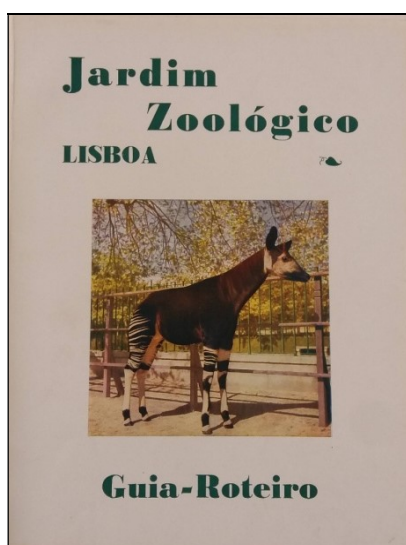
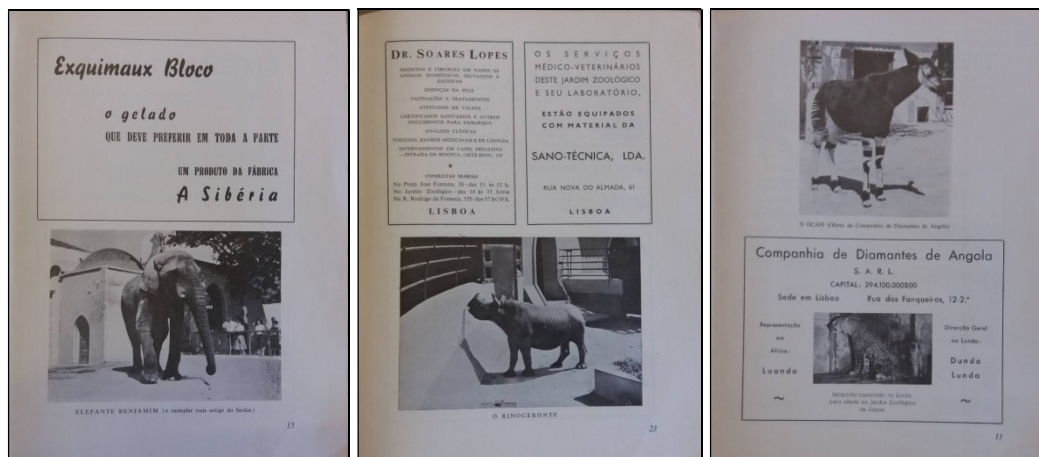


Figura 2.10 Guia-roteiro publicado no ano de 1957 e o mapa do Jardim

O guia traz ainda informações de ações de ordem técnica, como os serviços veterinários e as inspeções diárias aos animais; de ordem social, como os serviços voltados para os funcionários, tais como escola para adultos e crianças, alojamentos, serviços médicos, por exemplo; as diversões disponíveis no parque, tais como concursos, jogos, passeio de elefante, patinagem, entre outros; anuncia os serviços ao público, tais como farmácias, restaurantes,

sanitários, barracas para venda de amendoins e, barracas para venda de roteiros, plantas, postais e outros. São 5 páginas com estas informações e alguns retratos de animais, um mapa do zoo e diversos anúncios, sendo alguns referentes às empresas que fizeram doações de animais, como a Companhia de Diamantes da Angola, que ofertou um leopardo e um okapi, também ilustrado na capa do Guia (Figuras 2.11, 2.12 e 2.13).



**Figuras 2.11, 2.12 e 2.13** O elefante Benjamin, exemplar mais antigo do Zoo, publicidades e ofertas de animais junto ao anúncio do seu doador.

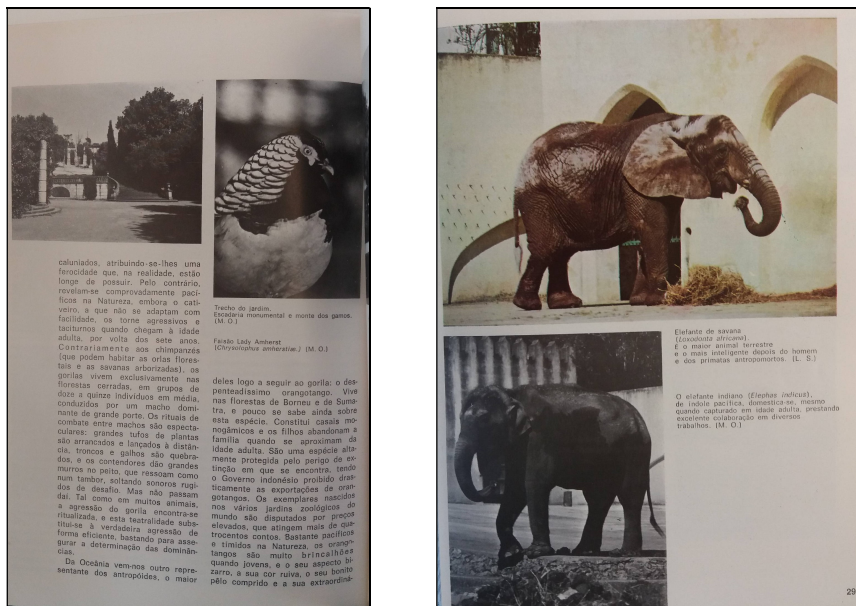
Outros guias encontrados nos arquivos, correspondem aos anos de 1977, 1990 e 1997. Publicado em 1977, o Guia prático (Figura 2.14) foi produzido também pela livraria Bertrand. O Guia contém uma introdução que trata das mudanças de endereço do Parque; uma explanação sobre animais em liberdade e em cativeiro; trata da utilidade dos jardins zoológicos, comenta sobre o respeito aos animais, visto que era comum alguns visitantes irritá-los com gestos e objetos, assim como a alimentação dos animais, chamando a atenção para que o público respeitasse àqueles com dietas especiais. Revela a ação dos tratadores do Zoo quando os animais ficam doentes e, por fim, a apresentação dos exemplares zoológicos.



**Figura 2.14** Publicação do ano de 1977

O guia apresenta muitas fotografias, nos quais muitas representações de animais encontram-se junto aos conteúdos de outros grupos de espécies zoológicas. Desta forma, tem-se textos sobre os primatas com fotografias de ave e recinto do Zoo, conteúdos sobre carnívoros

com imagens de elefantes, por exemplo (Figuras 2.15 e 2.16). As legendas indicam o nome científico e trazem ainda características ou determinados hábitos do animal.



Figuras 2.15 e 2.16 Conteúdos e fotografias do Guia

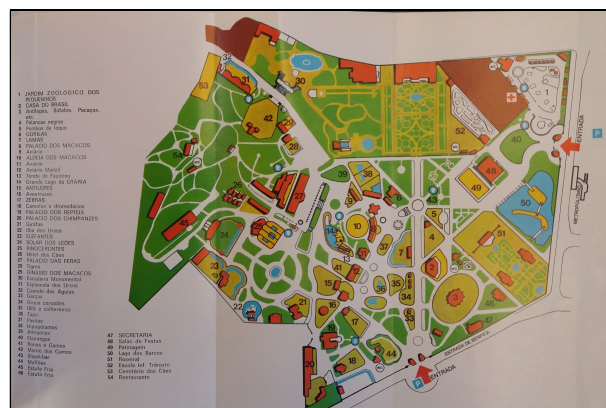


Figura 2.17 Mapa do Jardim Zoológico

O Guia do Zoo de Lisboa publicado no ano 1990 pela livraria Bertrand, indica, que as informações de caráter técnico e científico são da responsabilidade do Jardim Zoológico e a produção foi realizada em colaboração com o mesmo (Figura 2.18). O Guia, com 22 cm, tem a aparência de um livro. No índice, apresenta os temas abordados como, textos iniciais acerca das origens do Zoo; das três moradas pelo qual o Jardim passou; uma breve biografia do Raul Lino, arquiteto responsável por grande parte dos projetos do Parque; um texto tratando da função do Zoo como local de lazer, das entradas franqueadas às escolas e instituições de ensino, mas sobretudo da função primordial que os zoológicos estavam assumindo diante da conservação das espécies em vias de extinção e por fim, o último texto, divulgando alguns momentos da trajetória do Zoo, algumas dificuldades financeiras e em virtude disso, a dificuldade com a manutenção dos animais em cativeiro pela falta de espaço suficiente ocupado pelos animais e escassez da variedade alimentar, ocasionando stress e um aspecto doente em alguns dos animais, a dificuldade de procriação, com abandono ou morte da cria, doenças e até mesmo a

morte de alguns exemplares. Tal situação resultou num Plano Diretor a ser aplicado até 1994 “numa gigantesca remodelação” (p.15).

O mesmo Guia é acompanhado de um mapa do Parque (Figura 2.19) e sob a denominação “*Retratos de alguns inquilinos*” tem-se a apresentação das espécies zoológicas divididas por três seções: mamíferos, aves e répteis. A última parte do Guia, traz ainda as diversões que o público podia encontrar no Zoo.

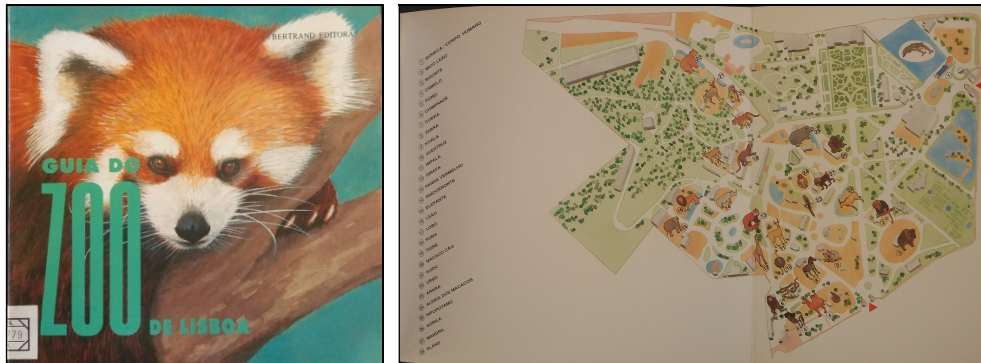


Figura 2.18 e 2.19 Capa e mapa do Guia publicado no ano de 1990

Os conteúdos estão atrelados ao exemplar zoológico em questão, cada um ocupando uma página (Figura 2.20). A apresentação dos animais refere-se aos seus hábitos, alimentação, habitat, características morfológicas e atividade reprodutiva. São acompanhados de uma fotografia e seu nome científico.



Figura 2.20 Apresentação de uma das espécies do Guia

O texto a seguir de um dos exemplares zoológicos presentes no Guia, evidencia a forma concisa e descomplicada das apresentações dos animais.

“O hipopótamo passa a maior parte do dia dentro de água: apenas as orelhas, os olhos e os orifícios nasais ficam acima da superfície. Quando mergulha fecha-os hermeticamente, podendo ficar submerso até 10 minutos. Alimenta-se durante a noite: em liberdade necessita entre 100 a 150 quilos diários de ervas, folhas, arbustos e raízes. A boca, em linha reta, facilita-lhes a apanha das ervas. Vive nas proximidades dos

pântanos, lagos e rios, em grupos mais ou menos numerosos (dez a quarenta) consoante as disponibilidades alimentares da zona (...)"

O guia publicado em 1997, denominado O Livro do Zoo, foi produzido pela Editorial O Livro e tem 29 cm (Figuras 2.21 e 2.22). Nele, encontra-se o histórico do Jardim, informações sobre diversos programas do Jardim Zoológico, como o programa de bem-estar animal, a troca de animais entre zoolos, o biotério, os programas educativos, entre outros. Traz ainda, na parte inicial, algumas informações em inglês e espanhol.



Figura 2.21 e 2.22 Capa e apresentação dos programas de reprodução do Jardim Zoológico de Lisboa



Figuras 2.23 e 2.24 Apresentação dos animais e espaço reservado para anotações

Na capa do Guia tem-se a informação de que o mesmo “inclui uma enciclopédia da fauna do Zoo”, porém nota-se que, todo o próprio Guia se assemelha com uma enciclopédia ilustrada (Figura 2.23). Os animais são apresentados por ordem alfabética e é interessante notar a preocupação com a linguagem científica utilizada nos conteúdos, constando desta forma no Guia, um glossário para “apoiar a leitura deste livro” e indicando que “alguns termos científicos ou menos vulgares assinalados com (\*) foram compilados e explicados”. Assim, também em ordem alfabética, termos como ‘biodiversidade’, ‘dimorfismo’, ‘melanismo’, entre outros, são conceituados. Por fim, o Guia propõe um espaço denominado “Notas sobre o Zoo”, sugerindo registos da visita, o aniversário festejado, os animais preferidos e/ou ainda, as fotografias tiradas (Figura 2.24).

### 2.4.3 A Revista Zoo

A 2 de junho de 1984, o jornal Expresso divulga a publicação de uma nova revista do Jardim (Figura 2.25).

“Revista “Zoo”

*Coincidindo com as celebrações do primeiro centenário do Jardim Zoológico de Lisboa, foi editado o primeiro número da revista “Zoo”, dirigida por Carlos Morais. De excelente aspecto, impressa totalmente a cores, a revista é anual e tem uma tiragem de cem mil exemplares. Neste primeiro número pode-se ler uma história do simpático Jardim Zoológico, e breves, mas informativas notas sobre a maior parte dos animais que lá se encontram. A revista custa 160 escudos e vende-se no Jardim.”*

O Diário de Lisboa, de 28 de maio de 1984, também publicou uma matéria sobre o centenário do Zoo apontando as dificuldades financeiras do Zoológico, pelo incompleto repasse de verba do poder público, mesmo com as honrarias concedidas, como a medalha de ouro e o reconhecimento da instituição como de utilidade pública, assim como o inverno prolongado, tornando escasso o público. Noticiava também algumas instalações degradadas, porém com animais bem alimentados; a renovação dos animais, feita através de permuta com demais zoos, em especial Madrid e Barcelona e, a reprodução em cativeiro, devido ao fim do período colonial; o anúncio de uma cerimônia solene a fim de apresentar o busto do Professor Fernando Frade, o lançamento de uma medalha comemorativa e o catálogo ‘Zoo’, que no caso seria a Revista.

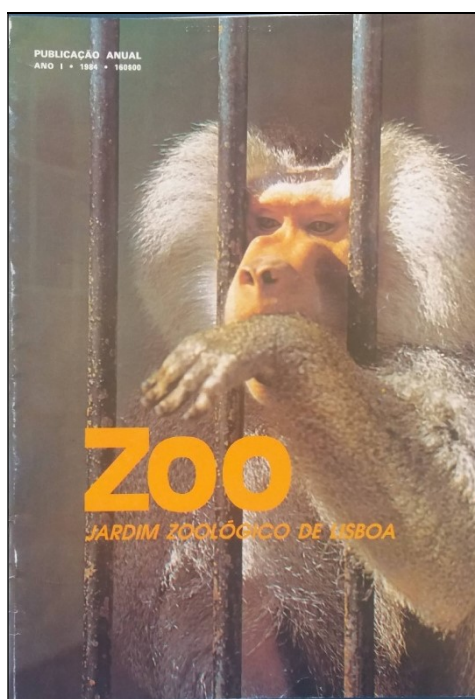


Figura 2.25 Capa da primeira edição da Revista Zoo – 1984

Numa nota introdutória, consta que a Revista Zoo se tratava “de um guia útil e de um elemento de consulta, que ao ser distribuído a nível nacional, procurará captar até ao Parque das Laranjeiras todos aqueles, que por razões várias, nunca aí se deslocaram”. De forma curiosa, a mesma nota revela que o objetivo proposto com a publicação seria “preencher uma

lacuna, de há muito sentida, por todos quantos ao longo de um século tem visitado o Jardim Zoológico de Lisboa”. Porém, constata-se que a publicação se assemelha em sua estrutura como outros guias do Zoo. Uma primeira parte contendo um texto que versava sobre os jardins zoológicos no decorrer dos tempos, a seguir, outro texto com uma síntese histórica do Zoo de Lisboa e, uma segunda parte com a apresentação dos exemplares zoológicos organizadas pelo grupo das aves, dos mamíferos e dos répteis. A Revista também traz um mapa para localização do visitante (Figuras 2.26).

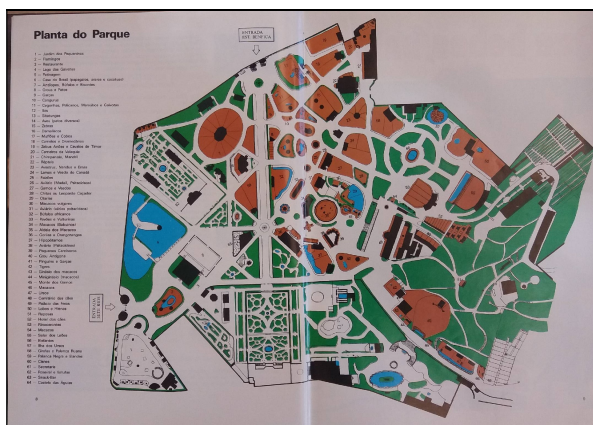


Figura 2.26 Mapa do Zoo – Revista Zoo

A redação é fluida e a apresentação dos animais encontra-se relacionada com determinadas características a eles pertencentes (Figuras 2.27 e 2.28). Busca informar os leitores dos hábitos reprodutivos, alimentares e da distribuição geográfica do animal, assim como o nome científico, a Ordem e a Família ao qual os exemplares pertencem. Todas as descrições dos animais são acompanhadas de fotografias.

O que chama a atenção na Revista Zoo, é a quantidade de anúncios publicitários, tomando a totalidade de determinadas páginas, o que não se verifica com nenhuma imagem de exemplar zoológico, o que se observa apenas na capa da revista, destoando completamente de outros manuais verificados.

A reportagem do jornal Expresso sobre o centenário do Jardim, traz a indagação sobre a quantidade de anúncios publicitários no Zoo e revela que a publicidade decorreu de iniciativas do ano anterior, o ano de 1983, como forma de aumentar a receita. Este contexto explica a profusão da publicidade competindo com a apresentação dos animais.



Figura 2.27 e 2.28 Apresentação dos animais

A edição da Revista teve continuidade e no ano de 2009, aniversário de 125 anos do Jardim Zoológico, percebe-se que a publicação passou a ser semestral, com tiragens de 30.000 exemplares no primeiro semestre e 4.000 no segundo (Figuras 2.29 e 2.30).



Figura 2.29 e 2.30 Publicações do ano de 2009, maio e novembro, respectivamente

Com outro layout e não mais servindo como um guia, a revista trazia como conteúdo temas variados referentes ao Jardim Zoológico de Lisboa, tais como a caça, a preservação, hábitos alimentares e características das espécies, programas de reprodução, atividades do Centro Educativo e ainda, o trabalho dos profissionais do Zoo, tais como os tratadores e veterinários, por exemplo.



Figura 2.31 Primeira cria de calau-trombeteiro do Zoo de Lisboa

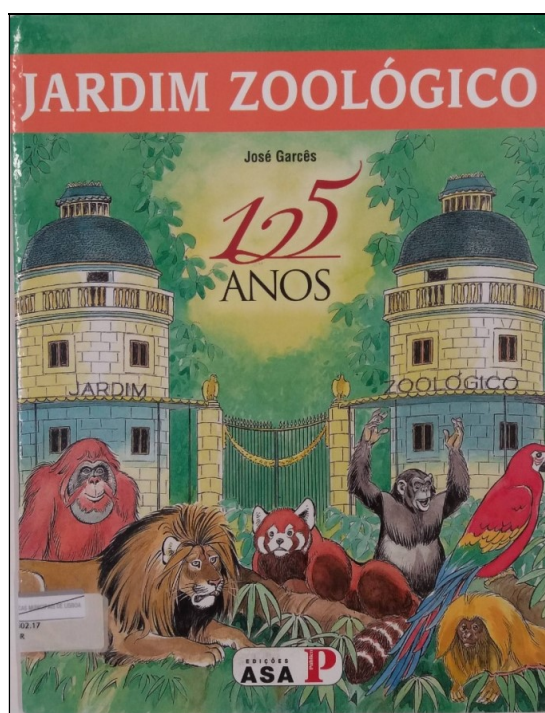
Todos os textos da Revista encontram-se acompanhados por imagens (Figura 2.31). Algumas matérias da revista são mais curtas, outras com um padrão de tamanho maior, não sendo estas, talvez, muito atrativas para determinados públicos, como o infantil. Entretanto, nota-se sua importância como fonte de apoio de material didático e pesquisa, tal como os guias

analisados, porém com uma proposta que privilegia um direcionamento para matérias mais abrangentes em relação as temáticas do Zoo.

#### 2.4.4 A BD do Jardim Zoológico de Lisboa

A 28 de maio de 2009, o jornal Público anuncia, na primeira página, a publicação de uma BD do Jardim Zoológico de Lisboa um livro “*pensado e publicado por José Garcês*”.<sup>15</sup> Com o título ‘Jardim Zoológico - 125 anos Espécies em vias de extinção’, a Banda Desenhada (BD) foi co-editada pela ASA e Público, em colaboração com o Jardim Zoológico (Figura 2.32).

Com 63 páginas e 31cm, inicialmente, tem-se um histórico apresentando o contexto mundial e de Portugal quando do surgimento do Zoo de Lisboa e após a sua fundação, destaca períodos importantes da trajetória do Jardim. A Banda Desenhada trata da função que os zos assumiram diante da proteção, reprodução e conservação das espécies e elenca, entre muitos outros exemplares existentes no Zoo de Lisboa em vias de extinção, cinco animais para a condução das histórias, sendo eles, o Gorila-ocidental-das-terras-baixas, o Gorila-da-montanha, o jaguar, o Tigre-de-Sumatra e o Tigre-da-Sibéria.



**Figura 2.32** Capa da Banda desenhada em comemoração aos 125 anos

Consta na Banda Desenhada que a obra é uma adaptação livre de fatos reais. No entanto, os textos referentes aos animais, foram produzidos pelo Jardim Zoológico conforme

---

<sup>15</sup> José Garcês (1928-2020), nascido em Lisboa, concluiu o curso de Artes Gráficas em 1946, colaborando em diversos jornais, revistas e editoras. Artista premiado, sua obra relaciona-se com a História de Portugal e representou o mesmo em exposições. Na década de 80 foi presidente do Clube Português de Banda Desenhada. Durante 40 anos trabalhou no antigo Serviço Nacional de Meteorologia a cargo de desenhar as cartas de previsão meteorológica, no qual chefiou o departamento de desenho (Público, 2020). Foi também responsável pela publicação, em 1997, de ‘A História do Jardim Zoológico de Lisboa em Banda Desenhada’.

indicado na ficha catalográfica e, antecedem as histórias da Banda Desenhada. Neles, tem-se a ilustração do animal, a indicação do nome científico e, as circunstâncias diversas que colocam as espécies em questão sob ameaça, sua distribuição geográfica, determinadas características pertinentes do animal, o local onde o exemplar pode ser observado no Zoo e a contribuição do Jardim Zoológico para os programas de proteção e conservação.

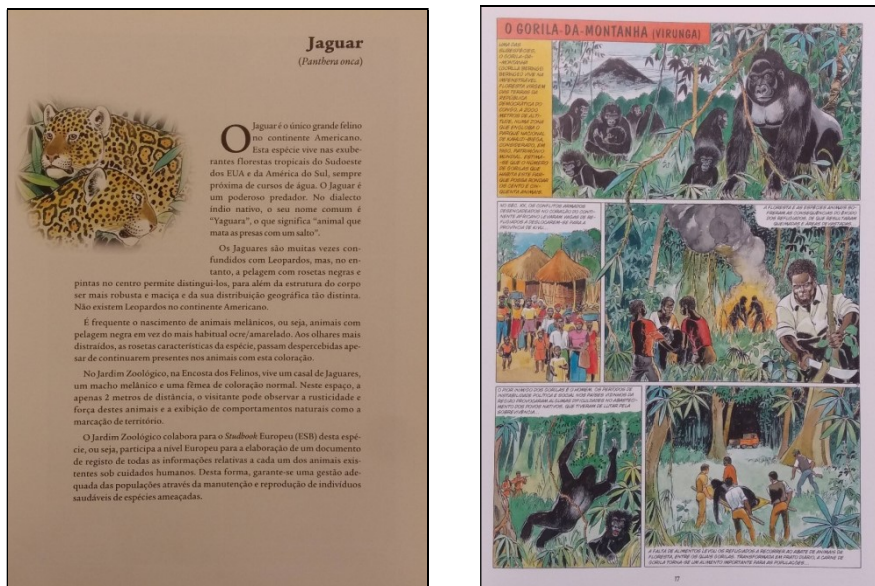


Figura 2.33 e 2.34 Texto sobre o jaguar e página inicial da banda desenhada do Gorila-da-montanha

As histórias retratam a sobrevivência das espécies no habitat natural, os interesses económicos e sociais que alimentam a procura e caça dos mesmos e, a intervenção das organizações na defesa destes animais, com destaque para a atuação dos jardins zoológicos, sobretudo do Zoo de Lisboa (Figuras 2.33 e 2.34).

Nota-se no decorrer de determinadas histórias que alguns termos empregues no texto buscam ser esclarecidos, como no caso do Tigre-de-Sumatra, a respeito do *studbook* (s.p.)

*“O Jardim Zoológico participa na conservação desta subespécie e os indivíduos aos seu cuidado estão incluídos no Programa Europeu de Reprodução (EEP), que é um programa através do qual os Zoos reúnem esforços para manter populações geneticamente saudáveis. Tem como objectivo a sobrevivência das espécies e a reintrodução no habitat. Colabora também para o seu Studbook Internacional (ISB) que regista ao nível Mundial todo o efectivo destes animais sob cuidados e protecção humana.”*

Em um trecho da BD (p.49) tem-se a explanação do que seria o termo *Studbook* (livro de registos genealógicos).

*“No Jardim Zoológico desenvolveram-se programas de coordenação das espécies a proteger, elaboraram-se depois studbooks (ou “livros de pedigree”) que são o primeiro passo para a criação de um EEP”*

*“Estes livros contêm os dados genéticos e demográficos das populações em cativeiro.”*

Ou encontram reforço na banda desenhada, como se observa num trecho do texto sobre o gorila (s.p.) em relação ao consumo de carne selvagem

*“O equilíbrio da população mundial de Gorilas está ameaçado por uma série de factores como a caça para a alimentação humana, Bushmeat, que só por si representa 1 milhão de toneladas de carne por ano destes animais que vivem nas florestas do Congo.”*

Na BD o termo é novamente empregado (p.22), uma vez que a história discorre sobre este tema

*“Há movimentos internacionais que limitam contra este tipo de comércio, a chamada “bushmeat”, a qual está a pôr em perigo a sobrevivência da espécie dos gorilas da montanha.”*

É notório que os textos introdutórios dos animais e suas respectivas histórias se complementam e, que através destas, a BD em questão, busca esclarecer e divulgar as reais causas dos jardins zoológicos em manter espécies selvagens em cativeiro. Salienta também as mudanças ocorridas nos zoos, como as substituições das “*clássicas jaulas*” por “*espaços onde os animais se podem movimentar em melhores condições*” (p.49) face as necessidades e novas funções desempenhadas pelos zoológicos.

Sabe-se que a banda desenhada tem um alcance de público alargado e diversificado. Desta forma, a publicação e veiculação através do jornal, aumentaria a possibilidade de um maior e mais eficaz conhecimento sobre a importância e o trabalho desenvolvido pelo Jardim Zoológico de Lisboa. Observa-se desse modo, a diversidade na produção de materiais de divulgação científica pelo Jardim Zoológico de Lisboa na intenção de alcançar um público para além daquele que visitaria o Zoo.

## Considerações finais

Os animais sempre fizeram parte do imaginário humano ao longo do tempo, em diversas civilizações, inseridos nos mais diversos campos de saberes, seja de forma emblemática, figurada ou metafórica.

Em variados estudos, os animais constituem-se como fontes de investigação e reflexão, quer seja no campo literário, quer seja no campo filosófico, nas artes, no religioso ou na ciência, ocasionando um novo campo de saber. Para além de todo o imaginário e das redes de simbolismo ao qual pertencem, fizeram parte de uma rede de ostentação, ocupando um lugar de riqueza, status e poder na sociedade, por aqueles que os mantinham sob seu domínio.

No campo da ciência esteve intrínseco em momentos variados do fazer ciência, por meio do ato de observar, desenhar, tomar nota, descrever, coletar, colecionar, fazendo parte ainda, e de forma necessária, de múltiplos e abundantes estudos e investigações a seu respeito, quer seja em seu habitat natural – *in situ* -, quer seja fora de seu lugar de origem – *ex situ*. Neste contexto, os jardins zoológicos fazem parte do grupo de instituições que são representativas e, trazem em si, o animal como parte essencial da sua funcionalidade.

Neste sentido, encontra-se o Jardim Zoológico de Lisboa, que na sua trajetória, envolto por diferentes atores, buscou o animal, representado nas coleções zoológicas, para o lugar de divertimento e entretenimento, e para isso, do mesmo modo, empenhou-se para alcançar um público cada vez mais alargado, a fim de manter e aumentar as espécies do Jardim. O Jardim Zoológico de Lisboa surge, inserido num contexto europeu de representação, ostentação e poder, diante de outras nações que tinham os seus jardins zoológicos.

O ambiente favorável e pertinente que o Jardim Zoológico de Lisboa ocupou para buscar sua legitimidade, assim como divulgar aquilo que se passava na instituição, teve espaço na imprensa. De forma inegável, a importância dos veículos de comunicação impressa para fazer chegar ao grande público o que se passava dentro do Jardim Zoológico, foi a mais valia para o Zoo de Lisboa. Os registos iniciais da imprensa, tanto em relação ao planeamento, quanto ao próprio dia da fundação do Jardim Zoológico de Lisboa, foram o suporte para as publicações posteriores sobre o Zoo. Através dos jornais, buscou-se e encontrou-se legitimação diante da sociedade e estabeleceu-se uma ponte de comunicação com o público, dando-se a conhecer o que se passava no Jardim Zoológico.

Observa-se que os Guias, para além do papel que exercem, como material de divulgação científica dos Zoos, permitem outras reflexões, como por exemplo, o lugar de memória daqueles que visitaram o Jardim, expressado no guia prático publicado em 1977 (p. 15-18)

*“Para as crianças, o zoo apresenta-se como um mundo colorido de formas fantasmagóricas cuja realidade possui singular fascínio. A incrível figura da girafa, a disformidade do elefante, a bruteza repulsiva do crocodilo, a comicidade dos macacos e a excentricidade de tantos outros exercem tal encanto que o espírito e a retina guardam para a vida e para a morte os momentos passados no seu convívio.”*

O jornal Diário de Notícias, numa publicação a um domingo, dia 27 de maio de 1984, véspera do aniversário de cem anos do Jardim Zoológico de Lisboa, publicou as comemorações planeadas para o dia, com fotos de determinados animais e, entre estes, encontrava-se o Huila,

um dos mais velhos do Zoo e o que mais chamava a atenção, o “*elefante tocador de sino*”. No dia 29 de maio, após a comemoração, o mesmo jornal publica “*receber uma moeda para tocar o sino e ser gratificado com um aperitivo, eis o gesto que os elefantes do Zoo lisboeta ontem tiveram de repetir muitas vezes*”. Neste aspecto, esta representação, para muitos, reflete a identidade e o lugar de memória ocupado pelo Zoo.

É possível, também através das publicações, conhecer cientistas que exerceram um papel importante em seus ofícios e que tiveram grande contribuição para a história científica de Portugal. Percebe-se também o trabalho de fotógrafos, tratadores, veterinários, biólogos e profissionais diversos do Jardim Zoológico.

Observou-se que as obras consideradas neste trabalho, com exceção do Almanach, apresentam uma ficha catalográfica permitindo desta forma conhecer os autores dos textos. No Guia prático de 1977, por exemplo, tem-se a indicação da produção dos conteúdos por João Augusto Silva (1910-1990), artista plástico, investigador e escritor, com diversos trabalhos publicados de temática africana, sobretudo a fauna de Moçambique, Angola e Guiné (Corral, 2013) e, pelo investigador Luís Soczka (1948-), dedicado aos estudos do comportamento animal e da psicologia ecológica e ambiental (Lima e Sautkina, 2007). Tais linhas de pesquisa dos investigadores revelam-se no breve texto que aborda a utilidade dos Jardins Zoológicos (p.15)

*“Além da sua função recreativa, os jardins zoológicos desempenham um importante papel educativo. Certos ramos da Zoologia como a Sistemática, a Etologia e a Psicologia podem neles ser estudados ao vivo, de forma atraente e sugestiva. É bem mais interessante contemplar elefantes, rinocerontes, tigres e leões animados com o divino sopro da vida do que imaginá-los através da palavra escrita, do convencionalismo das gravuras ou da inexpressividade dos bichos embalsamados dos museus.”*

O mesmo guia faz um agradecimento ao zoólogo Fernando Frade Viegas da Costa (1898-1983), presidente do Conselho de Administração à época do Jardim Zoológico de Lisboa, por todas “*as facilidades e gentilezas concedidas*”, tornando possível a publicação da obra. Fernando Frade, foi diretor do Centro de Zoologia das Missões de Estudos Zoológicos do Ultramar, professor de Ciências Biológicas e investigador do Museu Bocage. Sua atuação no Jardim Zoológico de Lisboa teve início junto da sua trajetória académica, quando foi encaminhado para classificar aves e mamíferos do Zoo pelo então diretor do Museu e, acabando assim, por encontrar no estudo dos elefantes, uma das suas principais linhas de pesquisa (Frade, 1973). Entre as suas diversas publicações, sobretudo nas Missões de Zoologia do Ultramar divide com João Augusto Silva um trabalho sobre os mamíferos da Guiné, datado de 1980.

No centenário do Jardim Zoológico de Lisboa, o jornal Diário de Notícias divulgava a realização de uma sessão solene no Zoo e que, no decorrer da mesma, seria inaugurado um busto do “*prof. Fernando Frade da Costa, que à ciência etnológica portuguesa deu dimensão internacional*”, reconhecendo desta forma a relevância do trabalho desenvolvido pelo Zoólogo.

Tratando-se de outros guias, nota-se também que a primeira edição da Revista Zoo, no ano de 1984, traz o investigador João Augusto Silva como autor dos textos.

Além da autoria dos textos, a análise das obras permite perceber períodos nos quais o Jardim Zoológico atravessava no momento em que foram produzidos. A revista Zoo por exemplo, chamou atenção pela quantidade de anúncios intercalados aos conteúdos e fotografias

dos animais, revelando a necessidade com estas da geração de receitas, o que se confirma com a reportagem do jornal Expresso sobre o centenário do Jardim.

Pelos jornais analisados, pode-se perceber uma rede de ciência, sobretudo de médicos, na intenção de que Portugal tivesse um jardim zoológico. Da profusão de entretenimento para atrair o público para o Zoo e das práticas associadas ao dia a dia do Jardim Zoológico, como noticiou o Diário Ilustrado, no dia 10 de junho de 1884

*“A colleção de mamíferos e aves vae aumentando de dia para dia, e attendendo á commodidade dos visitantes, collocaram-se mais 100 bancos, e bem assim já há muitos dias que se procede methodicamente á desinfecção da estrumeira, dos sumidouros, e da valla, por meio do sulfato de ferro e sulfato de cobre. E assim se continuará, em quanto for ou parecer necessario.”*

E ainda o Expresso, do dia 26 de maio de 1984, sobre determinados procedimentos do Zoo, tais como a produção de pão local, servido a diversos animais como base ou complemento da sua alimentação, a análise de carne, oriunda de doações e imprópria para consumo humano, feita pelos veterinários do Jardim antes de oferecer aos animais.

O facto é, que a partir da imprensa, na busca de como o Jardim Zoológico de Lisboa procurou realizar a sua comunicação com o público, foi possível encontrar materiais produzidos pelo mesmo ou com sua cooperação. Guias roteiros, guias práticos, revistas, que constituem verdadeiros livros, ilustrados e com textos que, vão muito além do suporte a uma visita ao Jardim.

Nota-se também o olhar atento às publicações do mercado, na intenção de fazer chegar a um público alargado e diversificado, os animais do Jardim Zoológico, como por exemplo, a Banda Desenhada e o Almanach.

Todos esses materiais de divulgação científica, cada um produzido à sua época, encontravam-se divulgados pela imprensa, porém no período circunscrito a esta investigação. É possível que ampliando ou delimitando outros marcos temporais, materiais de natureza distinta possam vir a ser identificados. Espera-se que esta dissertação possa contribuir para outras possíveis reflexões sobre a interface entre instituições científicas, divulgação de ciência e a imprensa, como ferramenta para a investigação.

## Referência bibliográfica

Alves, P.B.P.P. (2012). *A imprensa católica na Primeira República: do fim do jornal A Palavra (1911) ao Concílio Plenário Português (1926)*. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade de Coimbra.

APZA. (s.d.). *Associação Portuguesa de Zoos e Aquários*. <http://www.apza.pt/home>

Arquivo Nacional Torre do Tombo. (2019). Empresa Pública Jornal O Século. Arquivo Nacional Torre do Tombo. <https://digitalq.arquivos.pt/details?id=1009215>

Arquivo Nacional Torre do Tombo. (2016). Henry Burnay. Arquivo Nacional Torre do Tombo. <https://digitalq.arquivos.pt/details?id=4187671>

Assis, M. (2001). Como se Inventaram os Almanques. In: MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Barata, L. (2019). A dolorosa dor A história e as práticas para o seu tratamento. Do passado ao presente. *news@fmul* (95). <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul/95?cid=209>

Baratay, E. (1997). Un instrument symbolique de la domestication: le jardin zoologique aux XIXe-XXe siècles (l'exemple du parc de la Tête d'Or à Lyon). *Cahiers d'histoire*, 42(3-4), 677-706.

Baratay, E. & Hardouin-Fugier, E. (1999). Les représentations de la nature: l'exemple des zoos. *Raison Présente*, Nouvelles Editions Rationalistes, 39-46.

Baratay, E. & Hardouin-Fugier, E. (2002). *Zoo: A History of Zoological Gardens in the West*. Reaktion Books, London.

Baratay, E. 2009. La visite au zoo. Regards sur l'animal captif 1793-1950. In Frioux, S., & Pépy, (E.ds.), *L'animal sauvage entre nuisance et patrimoine: France, XVI-XXI siècle*. Lyon: ENS Éditions.

Barbosa, M. C. (2019). Comunicação e história: confluências. *Interin*, 24(2):4-20.

Barbosa, M. C. (2018). “Uma História Da Imprensa (e Do Jornalismo): Por Entre Os Caminhos Da Pesquisa.” *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 41(2), 21-36. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201821>

Bertrand. (1902) 3. <https://archive.org/details/almanachbertran00unkngoog/mode/2up>

Botrel, J. (2006). “Para una bibliografía de los almanques y calendarios”. *Elucidario* 1, 35-46.

Biblioteca Nacional de Portugal. (s.d.). *Periódicos*. [http://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=100&Itemid=105&lang=pt](http://www.bnportugal.gov.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=100&Itemid=105&lang=pt)

Bueno, W. da C. (1985). *Ciência e Cultura*, 37(9), 1421-1427.

Caraça, J. (1999). Ciência, complexidade e poder. *Análise Social*, XXXIII, (151-152), (2º-3º), 683-689.

- Cardoso, J. L. (2012-2013). O Conde de São Januário, Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1896-1901). *Arqueologia & História*, 64-65, 31-44. [http://museuarqueologiodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia\\_historia/serie\\_13/Vol\\_64\\_65/3\\_AH\\_vol64-65.pdf](http://museuarqueologiodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_13/Vol_64_65/3_AH_vol64-65.pdf)
- Carvalho, F. V. dos S. (2012). *Antonio Augusto Carvalho Monteiro - Um Naturalista Pioneiro*. <http://archive.org/details/AntonioAugustoCarvalhoMonteiro-UmNaturalistaPioneiro>
- Castro, A. d. (1934). O último serão nas Laranjeiras. Lisboa: Sociedade do Jardim Zoológico.
- Ceríaco, L. (2014). A Evolução da Zoologia e dos Museus de História Natural em Portugal. Tese de Doutoramento em História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora.
- Conceição, J., Pita, J. R., Estanqueiro & M., Lobo, J. S. (2014). As farmacopeias portuguesas e a saúde pública. *Acta Farmacêutica Portuguesa*, 3(1), 47 -65.
- Corral, A. V. do. (2013). Secção de Antropologia. In *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 131(1-12), 135-136.
- Cordeiro, R. (1984, 27 de maio). Cem anos ao serviço de Lisboa. Jardim Zoológico e de Aclimação espaço de convívio e pedagogia. Diário de Notícias.
- Correia, J. D. P., e Guerreiro, M. V. (1986). Almanques ou a Sabedoria e as Tarefas do Tempo. *Revista ICALP*, 6, 43-52.
- Chartier, R. (1999). O livro dos livros. In: PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanques no Brasil*. São Paulo: Mercado das letras.
- Daveau, S. (1981). A expedição científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa em Agosto de 1881. *Finisterra*, 16(32). <https://doi.org/10.18055/Finis2178>
- DGLAB. (2008, 26 de setembro). *Arquivo Nacional Torre do Tombo*. <https://antt.dglab.gov.pt/>
- Dias, J. P. S. (2003). "Da Cólera à Raiva. O materialismo e a introdução da investigação biomédica em Lisboa". In Correia, C. P. & Dias, J.P. (Orgs.), *Assim na Terra como no Céu. Ciência, Religião e estruturação do Pensamento ocidental* (pp. 435-449). [https://www.researchgate.net/profile/Jose-Pedro-Sousa-Dias/publication/216538054\\_Da\\_Colera\\_a\\_Raiva\\_O\\_materialismo\\_e\\_a\\_introducao\\_da\\_investigacao\\_biomedica\\_em\\_Lisboa/links/0c1bc9eeb64c33438bc5210a/Da-Colera-a-Raiva-O-materialismo-e-a-introducao-da-investigacao-biomedica-em-Lisboa.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Jose-Pedro-Sousa-Dias/publication/216538054_Da_Colera_a_Raiva_O_materialismo_e_a_introducao_da_investigacao_biomedica_em_Lisboa/links/0c1bc9eeb64c33438bc5210a/Da-Colera-a-Raiva-O-materialismo-e-a-introducao-da-investigacao-biomedica-em-Lisboa.pdf)
- Duarte, R. H. (2021). Vida y Muerte en los Zoológicos. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 10(2), 168-186. <https://doi.org/https://doi.org/10.21664/2238-8869.2021v10i2.p168-186>
- Duarte, R. H. (2017). Zoos in Latin America. In Beezley, W. *The Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*. Oxford University Press, New York, 1-21.
- Duarte, R. H. (2019). El zoológico del porvenir: narrativas y memorias de nación sobre el Zoológico de Chapultepec, Ciudad de México, siglo XX. *Historia Crítica*, 21, 93-113.
- Editorial Minerva. (s.d.) <https://editorialminervalivros.wordpress.com/sobre/?wref=tp>

Frade, F. (1973). Palestra proferida pelo Professor Fernando Frade. In [Livro de homenagem ao prof. Fernando Frade: por ocasião do seu 70º aniversário](#). Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar. (pp. IX-XX).

GBIF. (2021). *GBIF Home Page*. <https://www.gbif.org>

Garcês, J. (2009). Jardim Zoológico - 125 anos Espécies em vias de extinção. Edições ASA/Público.

Hemeroteca Digital. (s.d.). <https://blx.cm-lisboa.pt/catalogos-2/os-nossos-catalogos/hemeroteca-digital/>

Histoire du zoo. (s.d.). Parc zoologique de Paris. <https://www.parczoologiqueparis.fr/fr/le-zoo-les-animaux/histoire-du-zoo-2628>

Jornal “A Nação”. (1884, 28 de maio).

Jornal “A Nação”. (1884, 29 de maio).

Jornal “O Século”. (1884, 4 de outubro).

Jornal “O Século”. (1834, 28 de maio).

Jornal “Jornal do Comércio”. (1884, 28 de maio). Jardim Zoológico e de Acclimação em Portugal.

Jornal “Jornal do Comércio”. (1884, 14 de setembro).

Jornal “Jornal do Comércio”. (1884, 27 de junho).

Jornal “Jornal do Comércio”. (1884, 13 de setembro).

Jornal “Jornal da Noite”. (1884, 29 de maio). Jardim Zoológico e de Acclimação em Portugal.

Jornal “Diário de Lisboa”. (1934, 3 de junho). O cinquentenário do Jardim Zoológico. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05756.020.05094#15>

Jornal “Diário de Lisboa”. (1984, 28 de maio). Jardim Zoológico: cem anos de solidão. <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06842.192.29952#120>

Jornal “Público”. (2009, 28 de maio).

Jornal “Expresso”. (1984, 2 de junho).

Jornal “Diário de Notícias”. (2009, 28 de maio).

Jornal “Diário de Notícias”. (1984, 27 de maio).

Jornal “Diário de Notícias”. (1984, 29 de maio)

Jornal “Diário de Notícias”. (1884, 07 de outubro).

Jornal “Diário de Notícias”. (1884, 16 de setembro).

Jornal “Diário de Notícias”. (1884, 15 de julho).

Jornal “Diário Ilustrado”. (1884, 5 de dezembro).

Jornal “Diário Ilustrado”. (1884, 29 de maio).

Jornal “Diário Ilustrado”. (1873, 5 de março). Conde do Farrobo. Diário Ilustrado. [https://purl.pt/14328/1/j-1244-g\\_1873-03-05/j-1244-g\\_1873-03-05\\_item2/j-1244-g\\_1873-03-05\\_PDF/j-1244-g\\_1873-03-05\\_PDF\\_24-C-R0150/j-1244-g\\_1873-03-05\\_0000\\_1-4\\_t24-C-R0150.pdf](https://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1873-03-05/j-1244-g_1873-03-05_item2/j-1244-g_1873-03-05_PDF/j-1244-g_1873-03-05_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1873-03-05_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf)

Lambrechts, W. (2014). “Le Jardin zoologique de Bruxelles: miroir des modes de pensée du dix-neuvième siècle sur la ville, la science et les loisirs”, *Brussels Studies* [En ligne], Collection générale, 77. <https://doi.org/10.4000/brussels.1223>

Leal, C. (2021). Selvagens e confinados: uma história dos zoológicos colombianos e suas revelações sobre os destinos de animais e entrelaçamentos do Estado, décadas de 1930 a 1990. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 28(suplemento).

Leitão, P. A. (2020). A publicidade e o desenvolvimento da imprensa de massas em Portugal: os casos dos periódicos Diário de Notícias, O Século e O Primeiro de Janeiro. In Baptista C. & Sousa J.P. (Orgs.), *Para uma História do Jornalismo em Portugal* (pp.43-65). Lisboa: ICNOVA.

Lesouef, C. (2021). Les jardins « du climat de l’oranger » : Jean Claude Nicolas Forestier (1861-1930), traditions méditerranéennes et jardin à la française. *Artl@s Bulletin*, 10(2). <https://docs.lib.purdue.edu/artlas/vol10/iss2/6>

*L’histoire de la Grande Galerie de l’Évolution*. (s.d.). Galeries, Jardins, Zoo - Jardin des Plantes. <https://www.jardindesplantesdeparis.fr/fr/aller-plus-loin/histoire/lhistoire-grande-galerie-levolution-2750>

Lima, H. & Sousa, J. P. (2020). Diário de Notícias, a successful portuguese journalism project in an adverse environment. In Baptista, C. & Sousa, J. P. (Orgs.), *Para uma História do Jornalismo em Portugal* (pp. 67-82). Lisboa: ICNOVA.

Lima, M. L., & Sautkina, E. (2007). Psicologia Ambiental: Um esboço sobre o seu desenvolvimento em Portugal e no mundo. *Psicologia* 21(2).

Lopes, C. P. (2015). O Animal na Literatura: Dos Bestiários aos Livros de Viagens. In I. D. Braga & P. D. Braga (Orgs.), *Animais e Companhia na História de Portugal* (pp. 393-435). Lisboa: Círculo de Leitores.

Maciel, M. E. (Org.). (2011). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC.

Madruga, C. (2019). José Vicente Barbosa du Bocage. In M. E. Ferreira, J. Do Monteiro & R. H. D. Silva (Orgs.), *Dicionário: Quem é Quem na Museologia Portuguesa* (pp. 44-46). Instituto de História da Arte/NOVA FCSH. <https://doi.org/10.34619/nsnm-vxrb>

Matos, A. C. de. (2000). Os agentes e os meios de divulgação científica e tecnológica em Portugal no século XIX. *Scripta Nova*. 69 (29). <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2389/1/Os%20agentes%20e%20os%20meios%20de%20divulga%20c3%a7%20c3%a3o%20cientifica%20e%20tecnologica%20em%20Portugal.pdf>

Massarani, L. (2018). José Reis: reflexões sobre a divulgação científica. Massarani, L. & Dias, E. M. de S. (Orgs.). Rio de Janeiro: Fiocruz/COC. [http://portal.sbpcnet.org.br/livro/ebook\\_reflexoes\\_divulgacao\\_cientifica\\_press.pdf](http://portal.sbpcnet.org.br/livro/ebook_reflexoes_divulgacao_cientifica_press.pdf)

Massarani, L. (2021) Jornalismo científico na América Latina: registro histórico do Primeiro Seminário Interamericano realizado na região em 1962. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 44(1), 273-285. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/698/69868716013/html/#fn04>

Mendes Drumond Braga, I. M. R. (2019). O Pátio dos Bichos: um espaço de lazer para a corte portuguesa do século XVIII. *Librosdelacorte.Es*, 17, 60–86. <https://doi.org/10.15366/ldc2018.10.17.003>

Mendes Drumond Braga, I. D. (2015). Colecionando Bichos: Os Gabinetes de Curiosidades. In I. D. Braga & P. D. Braga (Orgs.), *Animais e Companhia na História de Portugal* (pp. 295-315). Lisboa: Círculo de Leitores.

Mendes Drumond Braga, I. D. (2015). Descobrir e Juntar Animais: “Novas Novidades”, Pátio dos Bichos e Jardim Zoológico de Lisboa. In I. D. Braga & P. D. Braga (Orgs.), *Animais e Companhia na História de Portugal* (pp. 317-389). Lisboa: Círculo de Leitores.

Nunes, B. (2007). O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 14(suplemento), 279-290.

O Zoophilo. (1884, 26 de junho). O Jardim Zoológico e d’Acclimação em Lisboa.

Oliveira, J. C. (s.d.). A Capital: 20.º aniversário revisitado, no ano em que faria 50 anos. [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/ACapital/ACapital\\_50Anos.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/ACapital/ACapital_50Anos.htm)

Pacheco, N. (1984, 26 de maio). Zoológico de Lisboa: a arte de sobreviver. Expresso.

Penn, L et al. (2012). 77 Years: The History and Evolution of the World Association of Zoos and Aquariums 1935-2012. Praga: WAZA.

Peres, I. M. (2021). Fotografia, ciência e património: a fotomicrografia em Lisboa nos primórdios do séc. XX. *Revelar: Revista De Estudos Da Fotografia E Imagem*, 5. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/RL/article/view/10327>

Queiroz, E. (1951). Almanques. Introdução ao 1º volume do Almanaque Enciclopédico, 1896. In Queiroz, E. Notas Contemporâneas. Porto: Lello & Irmão Editores.

Repolho, S. (2008). Sousa Martins: ciência e espiritualismo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ribeiro, J. A. P. (2012). Informação local e regional num jornal de distribuição nacional O caso do jornal Público. [Tese de mestrado não publicada]. Universidade do Porto.

Rocha, J. M. (2001, 30 de dezembro). Mudança d' "A Capital" deixou Portugal sem jornais da tarde. Público. <https://www.publico.pt/2001/12/30/jornal/mudanca-d-a-capital-deixou-portugal-sem-jornais-da-tarde-165872>

Santos, L. R. d. (2014). *A trajetória evolutiva do jornal "Expresso" multiplataformas*. [Tese de mestrado não publicada]. Instituto Politécnico de Tomar.

Serrano, J. A. (1893). Manuel Bento de Sousa. *O Ocidente* 16(506), 10-11. [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1893/N506/N506\\_master/N506.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1893/N506/N506_master/N506.pdf)

Silva, A. E. d. (1941). Jardim Zoológico de Lisboa. In Ramalho, R.d.S. L. (Org.), *Guia de Portugal Artístico*. Volume VIII. Lisboa.

Silva, F.E. d. (1944). Sousa Martins, Grande senhor do seu tempo (pp. 95-126). *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, série 62*(1 e 2).

Silva, F. E. d. (1945). Para que a cidade tivesse o seu jardim. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Silva, F. E. d. (1948). A Manuel Emygdio da Silva : relato do que se fez nas Laranjeiras depois da sua morte e obedecendo á sua ultima vontade: 1937-1948. Lisboa: Sociedade do Jardim Zoológico e de Aclimação em Portugal.

Silva, F. E. d. (1959). Quando a cidade apela para para o seu jardim. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Silva, F. E. d. (1965). História do Jardim Zoológico de Lisboa - Os Movimentados oitenta anos da sua meritória existência 1884 - 1964, Lisboa: Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Silva, A. F. d., & Matos, A. M. C. d. (2000). Urbanismo e modernização das cidades: O "embellezamento" como ideal, Lisboa, 1858-1891. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografia y Ciencias Sociales*, 4. <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/2402>

Silva, J. A. M. e (2002). Anotações sobre a história do ensino da Medicina em Lisboa, desde a criação da Universidade Portuguesa até 1911 (2ª Parte e Conclusão). *Revista da Faculdade de Medicina de Lisboa*, 7(6), 305-314. [https://ordemosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/Anotac%C3%B5es\\_sobre\\_hist%C3%B3ria\\_do\\_ensino\\_medicina\\_I\\_e\\_I\\_2002.pdf](https://ordemosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/Anotac%C3%B5es_sobre_hist%C3%B3ria_do_ensino_medicina_I_e_I_2002.pdf)

Silva, R. (2012). Carlos Fiolhais e a “curiosidade apaixonada” pela ciência. *Ciência 2.0 Conhecimento em Rede*. [https://www.ciencia20.up.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&Itemid=191&id=238#](https://www.ciencia20.up.pt/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=191&id=238#)

Silvestre, S. M. D. P. (2012). *O Conde do Farrobo a ação e o mecenato no século XIX*. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade Nova de Lisboa.

Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, (s.d.). Manuel Bento de Sousa. <https://www.scmel.pt/index.php/a-scmel/historia/presidentes-da-sociedade-das-ciencias-medicas-de-lisboa/95-scmel/historia/presidentes-da-sociedade-das-ciencias-medicas-de-lisboa/presidentes/131-bento-de-sousa-1875-1876>

Figueira, M. C. (1863). Programma do curso de microscopia práctica professado na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, no anno lectivo de 1862 para 1863. *O Instituto : jornal scientifico e litterario*, XII, pp.8-9.

Souto, R. (1955). A exposição sobre figuras e panoramas da medicina de outros tempos, no Hospital de São José e a primeira medalha de homenagem a Sousa Martins. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11157.pdf>

Sousa, J. P. (2021). Imprensa industrial segmentada e desenvolvimento dos diários noticiosos de massas de grande informação (1864-1934). In Sousa, J.P. (Org.), Portugal - Pequena história de um grande jornalismo I: da manufatura à indústria (pp. 229-466).

Sousa, J. P. (2018). Eduardo Coelho e a fundação do Diário de Notícias. In Sousa, J. P. (Org.), Notícias em Portugal: estudos sobre a imprensa informativa (séculos XVI-XX) (pp. 163-192).

Massarani, L. & Moreira, I. de C. (2002). Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In Massarani, L., Moreira, I. de C. & Brito, F. (Orgs.), Ciência e Público - caminhos da divulgação científica no Brasil (pp. 43-64).

Thomas, K. (2010). O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). São Paulo: Companhia das Letras.

Ville de Paris. (2021). *Depliant\_parc\_bagatelle-A4-2021-BD.pdf*. (s.d.). [https://www.api-site.paris.fr/equipements/2022/03/24/09/25/44/3f9ddb60-9a8c-4e32-88a8-e38adc836a1b/Depliant\\_parc\\_bagatelle-A4-2021-BD.pdf](https://www.api-site.paris.fr/equipements/2022/03/24/09/25/44/3f9ddb60-9a8c-4e32-88a8-e38adc836a1b/Depliant_parc_bagatelle-A4-2021-BD.pdf)

WAZA (s.d.). <https://www.waza.org/>